



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia
Período de Análise: setembro de 2010.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Site eletrônico do MDS
Site eletrônico do MDA
Site Eletrônico do MMA
Site eletrônico do INCRA
Site eletrônico da CONAB
Site eletrônico do MAPA
Site eletrônico da Agência Carta Maior
Site Eletrônico da Fetraf
Site Eletrônico da MST
Site Eletrônico da Contag
Site Eletrônico Biodiesel Br
Site Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural
Agroanalysis
Carta Capital

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	5
Etanol	5
Energia da cana vale 3 belo monte – Herton Escobar – O Estado de São Paulo – 01/09/2010.....	5
Previsão de crescimento da safra de cana cai para 7,8% - Agência Brasil – 02/09/2010.....	7
Etanol começa a recuperar espaço nos tanques – Fabiana Batista – Valor Econômico – 02/09/2010.....	8
Veto à queima de cana reduz moagem da Cosan – Valor Econômico – 02/09/2010.....	12
Grupo chinês na briga por usinas no Brasil – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 06/09/2010.....	13
Venda de colhedora de cana cresce 60% no ano – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 07/09/2010.....	14
Construção civil recruta cortador de cana – Márcia de Chiara – Estado de São Paulo – Economia – 12/09/2010.....	15
Volume de etanol estocado cresce 57% na segunda quinzena de agosto – Sítio Eletrônico do MAPA – 14/09/2010.....	17
Cresce concentração nas vendas de etanol – Fabiana Batista – Valor econômico – Agronegócios – 15/09/2010.....	17
Fundo Terra Viva compra terceira usina no Centro-Sul – Fabiana Batista – Valor econômico – Agronegócios – 17/09/2010.....	20
Em alta na usina, etanol já reage nos postos – Fabiana Batista – Valor Econômico – Empresas e Tecnologia – 27/09/2010.....	21
Mecanização da cultura é irreversível, diz o presidente Lula – Folha de São Paulo – Mercado – 28/09/2010.....	23
Etanol em motores pesados para nos testes – Marli Olmos – Valor Econômico – Empresas e Tecnologia – 29/09/2010.....	23
Futuro do etanol é promissor, mas há obstáculos a enfrentar - THAÍS MARZOLA ZARA – Folha de São Paulo – Mercado – 29/09/2010.....	25
Biodiesel	27
Governo e setor privado discutem fortalecimento da cadeia do biodiesel – Sítio Eletrônico do MAPA- 03/09/2010.....	27
Brasília (3.9.2010) - A glicerina excedente da indústria de biocombustíveis usada na alimentação animal foi tema da 10ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Oleaginosas e Biodiesel, realizada na quinta-feira, 2 de setembro, em Brasília (DF). A glicerina é um composto orgânico obtido a partir de óleos e gorduras, utilizado na fabricação de sabão e outros produtos químicos. Com o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), sua disponibilidade cresceu e, como subproduto da fabricação de biodiesel, teve o preço reduzido e outras formas de utilização. A câmara abordou também a crescente produção de canola, planta oleaginosa rica em óleo, matéria-prima alternativa na composição de biocombustíveis.....	27
Presidente da PBio visita produtores de girassol – Biodiesel BR – 17/09/2010	28
Biocombustíveis terão aporte de US\$ 5 bilhões – Biodiesel BR – 16/09/2010..	29

Parceria com agricultores do Pará marca entrada da PBio no mercado europeu – Biodiesel BR – 23/09/2010	29
POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS	31
Etanol.....	31
A corrida mundial em busca de energia renovável – Marcos Bruckeridge – O Estado de São Paulo – 01/09/2010	31
Abastecimento de açúcar e etanol estão garantidos – Sítio Eletrônico do MAPA – 02/09/2010.....	32
Conab reduz previsão para cana – Valor Econômico – 03/09/2010	33
Brasil precisa definir já uma política para os combustíveis - Adriano Pires - Folha de São Paulo – 03/09/2010	33
Energia alternativa – Estado de São Paulo – Notas e Informações – 03/09/2010	34
Avanço da energia eólica afeta biomassa - TATIANA FREITAS – Folha de São Paulo – Mercado – 04/09/2010.....	35
Usineiros precisam reduzir as margens em biomassa, diz EPE – Tatiana Freitas – Folha de S]ao Paulo – Mercado – 04/09/2010	36
Eike constrói a primeira usina solar comercial do país - CIRILO JUNIOR – Folha de São Paulo – Mercado – 05/09/2010.....	37
Definidas regras para subvenção a produtores de cana do Nordeste – Sítio Eletrônico do MAPA – 23/09/2010.....	39
Energia mais cara – Estado de São Paulo – Notas e Informações – 25/09/2010 .	39
Cana-de-açúcar – Sítio Eletrônico da CNA – 28/09/2010	41
Empresas vão investir R\$ 27 bi em usinas – Sítio Eletrônico da CNA – 29/09/2010.....	41
Biodiesel.....	43
AGROPAUTA - Câmara Setorial reúne cadeia produtiva de oleaginosas e biodiesel – Sítio Eletrônico do MAPA – 01/09/2010	43
AGROPAUTA - Representantes da cadeia produtiva do biodiesel se reúnem em Brasília – Sítio Eletrônico do MAPA – 02/09/2010.....	43
Estudo afirma que programa de biodiesel precisa de muitos ajustes para incluir agricultura familiar – Biodiesel BR – 08/09/2010	44
Programa nacional de biodiesel não modificou indicadores ambientais – Biodiesel BR – 11/09/2010	46
MDA realiza encontro nacional da Rede Temática de Ater Biodiesel – Sítio Eletrônico do MDA - 14/09/2010 11:00	47
Mamona ainda não é viável para o biodiesel – Biodiesel BR – 24/09/2010.....	48
Falta de transparência do governo para o biodiesel preocupa – Biodiesel BR – 24/09/2010.....	50
Encontro define indicadores sustentáveis para biocombustíveis – Sítio eletrônico do Biodiesel BR – 29/09/2010	51
Produção de biodiesel no Brasil deve crescer 50% em 2010 – Biodiesel BR – 30/09/2010.....	52

RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	54
Etanol	54
Índia e Brasil ensaiam parceria para o etanol – Valor On line – 01/09/2010 ...	54
Índia e Brasil ensaiam parceria para o etanol – Valor Econômico – Agronegócios – 01/09/2010	54
BB financia usina de álcool na Colômbia – Fernando Nakagawa - Estado de São Paulo – Economia – Capa – 07/09/2010	55
Brasil reduzirá exportação de etanol até 2013 - Eduardo Magossi – Agência Estado – 15/09/2010	56
Com excedente, EUA exportam etanol – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 16/09/2010	57
Etanol entra em fase decisiva nos EUA – Renée Pereira – Estado de São Paulo – economia – 26/09/2010	60

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Etanol

Energia da cana vale 3 belo monte – Herton Escobar – O Estado de São Paulo – 01/09/2010

Usinas preveem que em 2020 vão gerar 13 mil megawatts com a queima de bagaço, superando a produção esperada para a hidrelétrica no Rio Xingu

Herton Escobar ENVIADO ESPECIAL A GUARACI

Dia e noite, sem parar, os caminhões chegam à Usina Vertente, em Guaraci (SP), carregados de cana-de-açúcar. Não demora muito, um guindaste é usado para erguer a caçamba e despejar os toletes de cana sobre uma enorme esteira rolante, a "mesa alimentadora". Num dia bom, cada tonelada de biomassa engolida ali renderá, no fim da linha, 175 quilos de açúcar, 80 litros de etanol, 800 litros de vinhaça e uns 250 quilos de bagaço úmido. Não há resíduos. Nada é desperdiçado.

"Não sobra nada da cana", diz o gerente industrial da usina, Luis Muradi. O açúcar vai para os supermercados, o **etanol**, para os postos de combustível. A vinhaça é enviada de volta ao campo, como fertilizante. Parte do bagaço é queimada ali mesmo, numa caldeira, para produzir a energia elétrica que faz a usina funcionar. Outra parte desemboca numa montanha de bagaço ao ar livre, com quase 30 metros de altura.

O ideal seria que essa montanha não existisse. Mas ela está longe de ser um resíduo. Pelo contrário: a "bioeletricidade" gerada pela queima do bagaço de cana pode ser um produto tão importante para a sustentabilidade energética do País quanto hoje é o etanol. "O futuro das usinas está na bioeletricidade e no álcool. Acho que o açúcar vai ficar em terceiro lugar", prevê o diretor da usina, Hugo Cagno Filho.

"A rentabilidade da cogeração é muito maior."

Inaugurada em 2003, a Vertente processa 7.500 toneladas de cana por dia. Com a caldeira e o gerador atual, produz 8 megawatts de bioeletricidade. Consome internamente 6,5 megawatts e exporta o restante para a rede de distribuição. Até 2013, com a construção de uma nova caldeira e a instalação de mais dois geradores, o plano é ampliar a produção para 40 megawatts, dos quais 30 serão vendidos (o suficiente para abastecer 60 mil pessoas). É eletricidade limpa, já que as plantas que estão crescendo no campo reabsorvem, via fotossíntese, o carbono emitido pela queima do bagaço na caldeira. Isso ocorre sucessivamente, safra após safra.

Excedentes. Todas as 434 usinas de açúcar e álcool do País são autossuficientes em energia, graças ao bagaço de cana, e 100 delas já vendem excedentes para o sistema integrado nacional. Essa bioeletricidade contribuiu, em 2009, com 670 megawatts médios para a rede, ou quase 2% da energia consumida no País, segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). E há muitas montanhas de bagaço para queimar.

"Temos uma reserva gigantesca de energia adormecida nos canaviais", diz o presidente da Unica, Marcos Jank. Somando o bagaço que sobra nas usinas à palha que sobra no campo após a colheita mecanizada (que hoje não é aproveitada), o setor prevê ter biomassa suficiente para produzir 13 mil megawatts em 2020. Isso equivale a três vezes o que deverá produzir a Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu. E é suficiente para suprir 14% do consumo nacional estimado para 2019, quando está previsto o início da operação de Belo Monte.

"O Brasil vai precisar de sete usinas de Belo Monte para atender sua demanda de energia até 2020. Três delas podem vir dos canaviais", diz o economista Zilmar José de Souza, assessor de bioeletricidade da Unica.

O incentivo à bioeletricidade seria uma forma de ampliar ainda mais o papel da cana-de-açúcar como fonte de energia limpa - além da produção de etanol, que já movimenta 55% da frota de veículos leves do País. O desafio de acordar esse "gigante adormecido" dos canaviais, porém, não cabe apenas à indústria, afirma Jank. "Este é um setor que depende demais de políticas públicas."

Faltam incentivos para modernização das usinas e infraestrutura de conexão à rede. As usinas que não exportam energia trabalham com caldeiras antigas, de baixa pressão, que queimam muito bagaço para produzir pouca energia. "Seria preciso fazer um amplo programa de troca de caldeiras, para inserir essas usinas no sistema", afirma Souza. O chamado retrofit, porém, só vale a pena para o usineiro quando a caldeira atual está no fim da vida útil. Antes disso, diz Souza, só com algum incentivo do governo.

As caldeiras mais modernas chegam a 100 bar de pressão. A Vertente trabalha com uma de 45 bar, que deverá dar lugar a uma de 65 bar em 2013. O custo estimado do projeto - incluindo caldeira nova, dois geradores de 20 MW e 11 quilômetros de linhas de transmissão - é de R\$ 100 milhões. Custo que Cagno Filho espera pagar com recursos do BNDES e da venda de energia. "A ideia é cogear o ano inteiro e acabar de vez com essa montanha de bagaço. Hoje não faz sentido ampliar a capacidade de moagem sem ampliar a capacidade de cogeração. Uma coisa está casada com a outra."

Segundo o gerente setorial do Departamento de Biocombustíveis do BNDES, Artur Milanez, o volume de recursos desembolsados pelo banco para projetos de cogeração com bagaço de cana aumentou dez vezes em cinco anos: de R\$ 130 milhões, em 2004, para R\$ 1,3 bilhão, em 2009. A carteira atual tem 83 projetos contratados, com capacidade para gerar 2.475 MW. "A demanda é muito grande, e ainda há muito espaço para crescer."

Apesar de todo o potencial e expectativa, os ventos não sopraram a favor da biomassa de cana nos últimos leilões de energias renováveis, promovidos pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) na semana passada. Dos 73 projetos habilitados, só 12

foram contratados, totalizando 190 MW. A grande vencedora foi a energia eólica, com 899 MW contratados, divididos em 70 projetos. O preço médio pago foi de R\$ 130/MWh, ante R\$ 144/MWh da bioeletricidade.

Os produtos da cana-de-açúcar já contribuem com 18% da energia ofertada no País, mas quase tudo isso se refere ao uso do etanol como combustível de veículos. A participação da bioeletricidade é bem menor. Segundo dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) do Ministério de Minas e Energia, quase 90% da eletricidade produzida no País em 2009 veio de fontes renováveis - principalmente a hidráulica, com 83,7%. A biomassa (incluindo bagaço de cana, lenha e outros materiais vegetais), contribuiu com 5,9% e a eólica, com um modesto 0,3%.

Sol e vento. Além da biomassa, estudos mostram que há um enorme potencial ainda não aproveitado em energia eólica e solar no País, que poderia substituir os 10% de eletricidade que ainda são gerados em usinas nucleares e térmicas, movidas a combustíveis fósseis. Transformar esse potencial em capacidade instalada, porém, exige superar uma série de gargalos econômicos, tecnológicos, logísticos e regulatórios. A previsão é de que a participação proporcional de fontes renováveis na matriz energética não mudará radicalmente nas próximas décadas.

"O carro-chefe continuará a ser a energia hidrelétrica. As outras renováveis vão crescer pouco a pouco", prevê o diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica, Nelson Hubner. A energia eólica, segundo ele, continuará a crescer, mas nunca deixará de ser uma fonte "complementar". A solar, por sua vez, só deverá se tornar economicamente competitiva daqui a 10 ou 20 anos.

Para o pesquisador Sergio Colle, coordenador dos Laboratórios de Engenharia de Processos de Conversão e Tecnologia de Energia (Lepten), da Universidade Federal de Santa Catarina, o Brasil poderia ser muito mais ambicioso no aproveitamento de seu potencial em termos de energia solar e eólica. "O País não pode se dar ao luxo de ficar de braços cruzados e desperdiçar oportunidades, só porque nasceu no "berço esplêndido" das hidrelétricas e da biomassa."

Previsão de crescimento da safra de cana cai para 7,8% - Agência Brasil – 02/09/2010

BRASÍLIA - O aumento de 7,8% na previsão da safra de cana-de-açúcar 2010/2011 mantém o recorde nacional que o setor vem apresentando, mas é 2% menor que o levantamento anterior, feito em abril. A produtividade média caiu 2,8% em relação à pesquisa anterior, passando a 79,8 toneladas por hectare.

O dado não preocupa o Ministério da Agricultura, que atribui a queda à estiagem na Região Centro-Sul desde abril. O ministério ressalta, no entanto, que o clima é benéfico para a colheita e resulta em maior teor de sacarose (açúcar) na cana colhida.

A previsão de 651,51 milhões de toneladas na próxima safra, divulgada hoje, contra 604,5 milhões de toneladas na safra 2009/2010, levou o secretário de Produção e

Agroenergia do Ministério da Agricultura, Manoel Bertone, a considerar que "a produção será muito boa e vai garantir o abastecimento do mercado em melhores condições de preço do que no ano passado".

Ele disse que o governo está muito confiante de que as previsões vão se confirmar e não haverá crise no abastecimento de **etanol** como em 2009, quando a produção caiu e os preços quase se igualaram aos da gasolina.

Para Bertone, este ano o setor deverá manter o equilíbrio de preços, e a crise do ano passado não se repetirá. Além da regularidade da produção, ele ressaltou que "o governo está cumprindo o seu papel com a liberação dos financiamentos necessários para os produtores".

Do total da cana que será moída pelas usinas, 54,9% (357,5 milhões de toneladas) serão destinados à produção de 28,4 bilhões de litros de álcool - 20,2 bilhões do tipo hidratado e 8,2 bilhões do anidro.

Os 45,1% restantes da cana colhida na atual safra serão destinados à produção de 38,1 milhões de toneladas de açúcar. Na safra 2009/2010, a produção de açúcar foi de 33 milhões de toneladas.

O Ministério da Agricultura estima que o consumo interno, no próximo ano, será de 11,11 milhões de toneladas, entre consumo direto e produtos industrializados.

Leia mais: <http://www.valoronline.com.br/?online/geral/20/6473208/previsao-de-crescimento-da-safra-de-cana-cai-para-7,8%&scrollX=0&scrollY=0&tamFonte=#ixzz0yQa3CBwb>

Etanol começa a recuperar espaço nos tanques – Fabiana Batista – Valor Econômico – 02/09/2010

Com preços até 30% menores do que os registrados no pico de alta de janeiro deste ano, o etanol começa a recuperar seu espaço no tanque dos veículos brasileiros.

Em julho, o consumo de álcool hidratado ainda ficou 8,9% abaixo de igual mês de 2009, mas continua avançando. A expectativa do mercado é de que até o fim do ano as vendas de hidratado se equiparem às de 2009, quando os preços muito baixos do etanol estimularam o consumo. O aumento da frota flex continua sustentando o crescimento da demanda.

Em julho, foram consumidos 1,31 bilhão de litros de hidratado no país, segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP), ante os 1,44 bilhão de julho de 2009. No acumulado do ano, o consumo foi de 7,9 bilhões de litros, retração de 13,9%. O ritmo de queda, porém, já diminuiu.

O desempenho reforça o comportamento do consumidor que tem carros flex e deixa de abastecer com etanol quando o preço atinge 70% do valor da gasolina, diz Alísio Mendes Vaz, vice-presidente executivo do do Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis (Sindicom).

Em janeiro deste ano, os preços do etanol tiveram forte alta nas usinas e nos postos levando o consumidor a optar pela gasolina. Na época, a reação brusca pegou despreparados distribuidoras e postos de gasolina que precisaram fazer malabarismos para atender o maior consumo de gasolina.

De 1,5 bilhão de litros de hidratado em dezembro de 2009, o consumo no país recuou para 994 milhões de litros em janeiro e para 813 milhões em fevereiro.

A recuperação começou após março deste ano, ainda assim, a passos lentos: até agora, nenhum mês de 2010 superou o consumo do mês equivalente de 2009.

“Ao compararmos os dados de 2010 com os de 2009 é preciso considerar que no ano passado o preço estava muito baixo e nada remunerador às usinas, o que provocou um forte estímulo ao consumo”, lembra Vaz.

São Paulo, o maior Estado consumidor de etanol do país, está entre os que mais se recuperaram da queda do início do ano. O consumo de janeiro a julho foi de 4,4 bilhões de litros, 8,3% abaixo de igual período de 2009. Mas desde maio, vem sendo muito semelhante ao registrado no mesmo intervalo do ano passado.

Em agosto, a tendência é de alta na demanda. Assim como ocorreu em julho, o preço médio do litro do etanol no Estado foi mais competitivo que o da gasolina.

No mês passado, o preço médio foi de R\$ 1,387, o equivalente a 57% do preço da gasolina, relação que em julho foi de 55%, segundo dados da ANP.

A relação em Goiás é semelhante.

O Estado está entre os poucos nos quais o consumo de etanol subiu em relação a 2009. Foram 438 milhões de litros entre janeiro e julho deste ano, 6,5% mais do que em igual período do ano passado. O litro do etanol em Goiás está valendo, em média, R\$ 1,376, 57,2% do valor da gasolina. Em julho, essa relação já era de 56%. “As revendas do Estado entraram em disputa acirrada por preços, o que contribuiu para reduzir os do etanol ao consumidor”, diz André Luiz Lins da Rocha, presidente do Sindicato da Indústria de Açúcar e Alcool de Goiás.

Em Minas Gerais, outro importante produtor de etanol, a queda de consumo até julho foi de 34%, para 453 milhões de litros.

“Só teremos uma recuperação no próximo ano, quando quando será aumentado o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) da gasolina para 26% e o do etanol reduzido para 20%”, diz Luiz Custódio Martins, presidente do sindicato que representa as usinas do Estado (Siamig). Na média, o litro do etanol em Minas equivale a 70% do preço da gasolina.

Veto à queima de cana reduz moagem da Co

A proibição de queima de cana em todos os municípios de São Paulo, que começou a vigorar na última sexta, fez com que a Cosan, a maior indústria sucroalcooleira do país,

reduzisse o ritmo de moagem em suas unidades do Estado.

Mesmo com elevado nível de mecanização da colheita, na casa dos 70%, a companhia teve que desacelerar em cerca de 6% o ritmo de processamento, o que deve alongar um pouco a safra, mas sem trazer aumento de custos significativos à companhia, segundo Pedro Mizutani, presidente da Cosan Açúcar e Alcool.

“Esta safra está sendo marcada por custos de produção menores do que a passada, sobretudo porque não há chuvas e há maior concentração de ATR na cana (açúcar contido na cana), o que está elevando muito o rendimento industrial”, diz Mizutani.

Segundo ele, o ritmo menor de moagem está ocorrendo porque desacelerou também o volume de entrega de cana nas usinas, uma vez que as áreas de colheita manual estão com baixo rendimento.

“Por outro lado, essa certa ociosidade na moenda nos favorece, pois podemos maximizar a produção de açúcar”, diz o presidente da Cosan Açúcar e Alcool.

Ele pondera que ainda não é possível fazer estimativas de quanto pode aumentar a produção de açúcar da companhia diante dessa condição. Mas garante que, até este momento, esses números ainda são muito pequenos.

Mizutani informa que até agora em torno de 60% do volume de cana previsto já foi processado pela companhia que, assim como todo o setor, vem sendo favorecida do ponto de vista de colheita e industrialização, pelo clima seco no Centro-Sul.

A empresa mantém suas estimativas iniciais de moer 60 milhões de toneladas de cana e destinar 56% do caldo para produção de açúcar e 44% para fabricação de etanol.

Desde sexta-feira, a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) definiu que a queima da cana não poderia ocorrer em nenhum horário em nenhum município do Estado pelo fato de a umidade relativa do ar ter caído abaixo de 20%. Havia uma expectativa de que uma frente fria pudesse no último fim de semana amenizar a condição do ar, mas a situação continua crítica. A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) não tem um balanço de quantas usinas no Estado reduziram a moagem. Mas, na sexta-feira, o diretor técnico da entidade, Antônio de Pádua Rodrigues, disse que algumas poderiam fazer isso e até parar, em casos pontuais. (FB)

Processamento no Nordeste cresce 5,6% nesta safra

Apesar de a moagem já ter se iniciado, a safra nordestina de cana começou oficialmente ontem, dia 1o, com uma previsão de moagem de 63,3 milhões de toneladas, segundo dados do Sindicato de Açúcar e Alcool de Pernambuco (Sindaçúcar-PE).

O número é 3,5 milhões de toneladas acima do registrado na safra passada, a 2009/10, quando o Nordeste processou 59,917 milhões de toneladas. “A entressafra entre abril e agosto não apresentou chuvas adequadas. No entanto, o potencial de moagem acima de 61 milhões de toneladas está assegurado”, disse Renato Cunha, presidente do Sindaçúcar-PE.

A produção de açúcar deve ser de 4,4 milhões de toneladas, das quais 60% devem ser destinados ao mercado externo. Na safra passada, a região produziu 4,308 milhões de toneladas da commodity.

A produção de álcool desta temporada deve atingir 2,32 bilhões de litros, ante 2,005 bilhões de litros da safra passada.

Segundo Cunha, Bahia, Maranhão e Piauí já começaram a moagem em julho e, o Rio Grande do Norte, Paraíba e norte de Pernambuco, iniciaram em agosto. A consultoria Datagro prevê uma moagem de 63 milhões de toneladas para o Nordeste, projeção semelhante ao do Sindaçúcar. (FB)

Etanol começa a recuperar espaço nos tanques – Fabiana Batista - Valor Econômico
– 02/09/2010

Com preços até 30% menores do que os registrados no pico de alta de janeiro deste ano, o **etanol** começa a recuperar seu espaço no tanque dos veículos brasileiros. Em julho, o consumo de álcool hidratado ainda ficou 8,9% abaixo de igual mês de 2009, mas continua avançando. A expectativa do mercado é de que até o fim do ano as vendas de hidratado se equiparem às de 2009, quando os preços muito baixos do etanol estimularam o consumo. O aumento da frota flex continua sustentando o crescimento da demanda.

Em julho, foram consumidos 1,31 bilhão de litros de hidratado no país, segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP), ante os 1,44 bilhão de julho de 2009. No acumulado do ano, o consumo foi de 7,9 bilhões de litros, retração de 13,9%. O ritmo de queda, porém, já diminuiu.

O desempenho reforça o comportamento do consumidor que tem carros flex e deixa de abastecer com etanol quando o preço atinge 70% do valor da gasolina, diz Alísio Mendes Vaz, vice-presidente executivo do do Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis (Sindicom).

Em janeiro deste ano, os preços do etanol tiveram forte alta nas usinas e nos postos levando o consumidor a optar pela gasolina. Na época, a reação brusca pegou despreparados distribuidoras e postos de gasolina que precisaram fazer malabarismos para atender o maior consumo de gasolina.

De 1,5 bilhão de litros de hidratado em dezembro de 2009, o consumo no país recuou para 994 milhões de litros em janeiro e para 813 milhões em fevereiro. A recuperação começou após março deste ano, ainda assim, a passos lentos: até agora, nenhum mês de 2010 superou o consumo do mês equivalente de 2009.

"Ao compararmos os dados de 2010 com os de 2009 é preciso considerar que no ano passado o preço estava muito baixo e nada remunerador às usinas, o que provocou um forte estímulo ao consumo", lembra Vaz.

São Paulo, o maior Estado consumidor de etanol do país, está entre os que mais se

recuperaram da queda do início do ano. O consumo de janeiro a julho foi de 4,4 bilhões de litros, 8,3% abaixo de igual período de 2009. Mas desde maio, vem sendo muito semelhante ao registrado no mesmo intervalo do ano passado.

Em agosto, a tendência é de alta na demanda. Assim como ocorreu em julho, o preço médio do litro do etanol no Estado foi mais competitivo que o da gasolina. No mês passado, o preço médio foi de R\$ 1,387, o equivalente a 57% do preço da gasolina, relação que em julho foi de 55%, segundo dados da ANP.

A relação em Goiás é semelhante. O Estado está entre os poucos nos quais o consumo de etanol subiu em relação a 2009. Foram 438 milhões de litros entre janeiro e julho deste ano, 6,5% mais do que em igual período do ano passado. O litro do etanol em Goiás está valendo, em média, R\$ 1,376, 57,2% do valor da gasolina. Em julho, essa relação já era de 56%. "As revendas do Estado entraram em disputa acirrada por preços, o que contribuiu para reduzir os do etanol ao consumidor", diz André Luiz Lins da Rocha, presidente do Sindicato da Indústria de Açúcar e Alcool de Goiás.

Em Minas Gerais, outro importante produtor de etanol, a queda de consumo até julho foi de 34%, para 453 milhões de litros. "Só teremos uma recuperação no próximo ano, quando quando será aumentado o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) da gasolina para 26% e o do etanol reduzido para 20%", diz Luiz Custódio Martins, presidente do sindicato que representa as usinas do Estado (Siamig). Na média, o litro do etanol em Minas equivale a 70% do preço da gasolina.

Veto à queima de cana reduz moagem da Cosan – Valor Econômico – 02/09/2010

A proibição de queima de cana em todos os municípios de São Paulo, que começou a vigorar na última sexta, fez com que a Cosan, a maior indústria sucroalcooleira do país, reduzisse o ritmo de moagem em suas unidades do Estado.

Mesmo com elevado nível de mecanização da colheita, na casa dos 70%, a companhia teve que desacelerar em cerca de 6% o ritmo de processamento, o que deve alongar um pouco a safra, mas sem trazer aumento de custos significativos à companhia, segundo Pedro Mizutani, presidente da Cosan Açúcar e Alcool.

"Esta safra está sendo marcada por custos de produção menores do que a passada, sobretudo porque não há chuvas e há maior concentração de ATR na cana (açúcar contido na cana), o que está elevando muito o rendimento industrial", diz Mizutani.

Segundo ele, o ritmo menor de moagem está ocorrendo porque desacelerou também o volume de entrega de cana nas usinas, uma vez que as áreas de colheita manual estão com baixo rendimento. "Por outro lado, essa certa ociosidade na moenda nos favorece, pois podemos maximizar a produção de açúcar", diz o presidente da Cosan Açúcar e Alcool.

Ele pondera que ainda não é possível fazer estimativas de quanto pode aumentar a produção de açúcar da companhia diante dessa condição. Mas garante que, até este

momento, esses números ainda são muito pequenos.

Mizutani informa que até agora em torno de 60% do volume de cana previsto já foi processado pela companhia que, assim como todo o setor, vem sendo favorecida do ponto de vista de colheita e industrialização, pelo clima seco no Centro-Sul. A empresa mantém suas estimativas iniciais de moer 60 milhões de toneladas de cana e destinar 56% do caldo para produção de açúcar e 44% para fabricação de etanol.

Desde sexta-feira, a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) definiu que a queima da cana não poderia ocorrer em nenhum horário e em nenhum município do Estado pelo fato de a umidade relativa do ar ter caído abaixo de 20%. Havia uma expectativa de que uma frente fria pudesse no último fim de semana amenizar a condição do ar, mas a situação continua crítica. A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) não tem um balanço de quantas usinas no Estado reduziram a moagem. Mas, na sexta-feira, o diretor técnico da entidade, Antônio de Pádua Rodrigues, disse que algumas poderiam fazer isso e até parar, em casos pontuais. (FB)

Grupo chinês na briga por usinas no Brasil – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 06/09/2010

A Cofco Ltd., um dos maiores grupos de agronegócios e alimentos da China, com faturamento de US\$ 26 bilhões em 2009, entrou na disputa por usinas sucroalcooleiras no Brasil. Na mira na empresa estão duas unidades da Companhia Nacional de Açúcar e Alcool (CNAA), que pertence a um pool de fundos de investimentos — entre os quais o Riverstone e o Goldman Sachs —, e também já atraíram o interesse de outros players.

Entre outros negócios, a Cofco é a maior produtora de açúcar de beterraba da China, e em razão de sucessivas quebras de safra em seu país passou a ampliar as importações do produto do Brasil, derivado da cana. Se a Cofco levar as duas usinas da CNAA, localizadas em Goiás e Minas Gerais e com capacidade conjunta para processar 4 milhões de toneladas de cana por safra, será o primeiro negócio chinês no segmento fora da Ásia.

Fundada em 1949, a Cofco Ltd.

tem capital estatal e é a maior importadora e processadora de commodities agrícolas da China. Além do açúcar, realiza nesta frente negócios com soja, milho e trigo. O grupo também atua no ramo imobiliário e em bioenergia. Ao todo, tem nove subsidiárias, entre as quais a Cofco Tunhe, que atua nas áreas de cultivo agrícola, processamento e comercialização de açúcar de beterraba, tomate e frutas. A empresa é a líder na China em processamento de açúcar de beterraba, com 36% da produção do país.

São nove fábricas com capacidade total para 500 mil toneladas por ano, vendidas para subsidiárias chinesas de multinacionais como Coca-Cola e Kraft.

O interesse chinês no Brasil não é novo, mas o foco estava centrado na aquisição de terras para a produção de grãos. Como há dois anos a oferta de matéria-prima para produção de açúcar está em declínio na China por causa de problemas climáticos, o

segmento sucroalcooleiro entrou no radar.

A China normalmente importava açúcar da Tailândia, mas os produtores locais também enfrentaram problemas. Com isso, os chineses já compraram 514 mil toneladas de açúcar brasileiro em 2010.

Estima-se no mercado que as importações da China, de todas as origens, poderão alcançar até 2 milhões de toneladas em 2011.

“A Cofco é uma das empresas chinesas que mais estão importando açúcar do Brasil”, diz uma fonte do segmento. Procurado, o grupo chinês não respondeu aos pedidos de entrevista. A CNAA pode ser parte da solução da Cofco para equilibrar seu abastecimento com açúcar. As negociações estão difíceis porque a empresa brasileira gastou muito para construir as duas usinas e por isso, segundo a mesma fonte, está pedindo um preço elevado por seus ativos.

O plano da CNAA, segundo informações disponíveis em balanço de resultados do período findo em 31 de março de 2009, era investir R\$ 1,8 bilhão para construir três usinas e atingir moagem total de 7,5 milhões de toneladas de cana.

Procurada pelo Valor, a CNAA informou, em nota, que já investiu R\$ 2 bilhões entre 2006 e 2009 nos projetos de produção de açúcar, álcool e cogeração de energia, “que compreendem as duas unidades e uma terceira, a de Campina Verde (MG), que está em fase de prospecção de recursos”. A terceira unidade ainda não foi concluída.

A reportagem apurou que a CNAA tem pouca margem para alongar sua dívida, porque boa parte dela é com o fundo Riverstone, que estaria colocando como condição para uma eventual venda de ativos a quitação desse débito, que em março de 2009 era de R\$ 672,8 milhões.

“Quem comprar, não poderá alongar dívida com bancos, pois o débito existente é majoritariamente com o fundo”, diz uma fonte. Em 31 de março de 2009, a dívida total da CNAA era de R\$ 1 bilhão. Nesta safra, a empresa deve moer 4 milhões de toneladas de cana nas usinas de Ituiutaba (MG) e Itumbiara (GO).

Venda de colhedora de cana cresce 60% no ano – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Mercado – 07/09/2010

Passada a crise de preços e a da falta aguda de crédito, as usinas avançam na mecanização da safra de cana-de-açúcar. Em 2008, quando esse setor viu secar a torneira do crédito e os preços do setor recuarem, a renovação do canavial perdeu ritmo e a mecanização ficou mais lenta. A indústria de máquinas aproveita a melhora no setor de cana e deverá comercializar 1.500 unidades neste ano, 60% a mais do que na safra anterior. O grande salto na mecanização deverá ocorrer, no entanto, em 2012. No início de 2011, devido à melhora dos preços no setor, as usinas vão intensificar a renovação do canavial, adaptando-os para a mecanização. O avanço da mecanização ocorre devido à entrada em operação de novos projetos -onde a mecanização é obrigatória- e ao avanço da utilização de colhedoras em unidades tradicionais. As usinas paulistas têm de

mecanizar a colheita da cana própria até 2014. Já os fornecedores independentes de cana têm prazo até 2017. Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), acredita que as usinas paulistas devem atingir a mecanização total antes mesmo de 2014. A média já é superior a 70% na cana própria, mas várias unidades conseguiram atingir 100%, diz Rodrigues. São Paulo, que tem 4,4 milhões de hectares com cana-de-açúcar, deverá terminar este ano com 1,8 milhão de hectares ainda com queima e corte manual, na avaliação do diretor da Unica. Todos os novos projetos criados a partir de 2008, mesmo os fora do Estado de São Paulo, têm de ter mecanização de 100%.

Construção civil recruta cortador de cana – Márcia de Chiara – Estado de São Paulo – Economia – 12/09/2010

O nível de emprego na construção civil é recorde e as construtoras já começam a contratar mulheres e trabalhadores egressos do corte da cana-de-açúcar para atenuar o déficit de mão de obra no setor. A falta de pedreiros, carpinteiros, pintores e azulejistas nos canteiros de obras, por exemplo, pode chegar a 80 mil trabalhadores neste ano em todo o País, nas contas do diretor de Economia do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (Sinduscon-SP), Eduardo Zaidan. Em julho, 2,771 milhões de trabalhadores com carteira assinada estavam empregados na construção civil, marca jamais atingida, revela o estudo do Sinduscon SP, feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Além do recorde em números absolutos de trabalhadores, as taxas de crescimento no emprego neste ano até julho e em 12 meses são robustas, de 12,79% e 16,67%, respectivamente. Zaidan diz que o ritmo de crescimento do emprego em 12 meses até julho do setor imobiliário (18,04%) supera o de infra estrutura (12,05%) em igual período. “Um forte indicador de que a construção civil vai continuar aquecida por um bom tempo é que a demanda por mão de obra para serviços de preparação de terrenos cresceu 10,6% nos últimos 12 meses até julho.” Mas um dos obstáculos à sustentação desse ritmo de crescimento é exatamente a escassez de trabalhadores, que começou a ser removido por várias empresas. A construtora Copema de Ribeirão Preto, polo produtor de cana-de-açúcar do interior do Estado de São Paulo, por exemplo, tem ex-cortadores de cana em seus canteiros de obras. Segundo Marcelo Henrique Dinamarco, encarregado do departamento de Recursos Humanos da empresa, entre 60% e 65% dos trabalhadores que exercem funções em suas obras e foram contratados por empreiteiras vieram do corte da cana-de-açúcar. Além da mão de obra fornecida por empreiteiras, os ex-cortadores de cana representam cerca de 25% dos trabalhadores contratados diretamente pela construtora. “Se nós não tivéssemos essa oferta de ex-cortadores de cana, o déficit de mão de obra na construção seria maior”, calcula o encarregado. O quadro é semelhante na construtora Pereira Alvim, também de Ribeirão Preto. Francisco Galli, técnico de segurança do trabalho da empresa, conta que 10% dos trabalhadores contratados pelas empreiteiras que prestam serviço à construtora são egressos do corte da cana. “Muitas usinas já mecanizaram o corte da cana e esse contingente fica sem trabalho”, observa Galli. Dinamarco, da Copema, diz que é possível traçar o perfil desses trabalhadores. “Pelos dados da carteira de trabalho, eles vieram do Nordeste para cortar cana nos arredores de Ribeirão Preto. Com a crescente mecanização do corte da cana, eles não voltam para os Estados de origem e vão para as cidades maiores a fim de trabalhar na construção civil.” Galli, da construtora Pereira Alvim, observa que 80% desse contingente é analfabeto. Geralmente eles começam como servente de pedreiro, função que não requer qualificação. José Batista Ferreira,

diretor do Sinduscon de Ribeirão Preto, que engloba mais 92 municípios, conta que já foram iniciadas conversas entre a entidade e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) para qualificar os ex-cortadores de cana ainda neste ano. Nas suas contas, serão treinados cerca de mil trabalhadores nos próximos anos para cobrir parte do déficit demão de obra na construção civil na região, que é de 2mil pessoas. Mulheres. Outra saída encontrada pelas construtoras para atenuar a falta de mão de obra tem sido a contratação de mulheres. Na construtora Marcondes César, de São José dos Campos (SP), elas já representam 5% do quadro de funcionários, conta o diretor técnico da companhia, José Antonio Marcondes César. Segundo o executivo, as mulheres desempenham funções de azulejistas, eletricitistas, motoristas e encanadoras, entre outras. “Estamos usando a mão de obra feminina para serviços de acabamento mais fino”, diz César. A intenção do executivo é que as mulheres representem entre 10% e 12% do quadro de funcionários no próximo ano. Para isso, César diz que pretende substituir os empregados homens por mulheres em várias funções. Ele ressalta que as mulheres são mais fiéis à empresa e mais estáveis, qualidades consideradas pelo executivo positivas, especialmente no momento atual de falta de mão de obra. “Por qualquer quantia amais os homens trocam de emprego e as mulheres não”, afirma. José Roberto Alves, diretor do Sinduscon de São José dos Campos, que abrange a cidade e 40 municípios, confirma a presença crescente de mulheres nos canteiros de obras da região. “Mas é difícil quebrar o paradigma de que o emprego na construção é masculino.” No último curso de qualificação para operários da construção civil realizado no primeiro semestre deste ano pela entidade, havia seis mulheres entre 50 inscritos, isto é, um pouco mais de 10%. A porta de entrada para as mulheres no canteiro de obras, diz ele, é tarefa de limpeza, que não exige qualificação nem grande esforço físico.

- Novo rumo

Embora não existam estatísticas sobre essa migração, o ex-cortador Valdir Lemos da Fonseca diz que muitos colegas trocaram o corte da cana pela construção civil nos últimos sete meses. ‘Se soubesse, teria vindo antes’, diz ex-cortador. Faz duas semanas que o ex-cortador de cana Valdir Lemos da Fonseca, de 47 anos, começou a trabalhar na construção civil. Depois de quase 18 anos no corte da cana, ele deixou Barrinha, nos arredores de Ribeirão Preto, para ser servente de pedreiro numa obra da cidade. “Se eu soubesse que era menos sacrificado do que o corte da cana, tinha vindo antes para a construção.” Ele saiu do corte da cana por causa do avanço da mecanização da lavoura. “O corte da cana está acabando: 60% das lavouras nesta região estão mecanizadas e até 2014 não terá mais corte manual.” Pela sua idade avançada para a função e por não ter tido instrução, Fonseca viu suas chances de trabalho minguar em na lavoura. “A minha leitura é fraca e eu não ia conseguir operar uma máquina. Eu não tenho estudo.” No corte da cana, o serviço era mais pesado, diz o ex-cortador. Ele entrava às 7h, saía às 16h, trabalhava seis dias por semana e recebia R\$ 600 por mês. Diariamente, cortava de 100 a 120 metros de cana enraizada, que exige mais esforço físico do que a cana mais nova, de primeiro corte. Como servente de pedreiro, ele cuida de serviços de limpeza e ajuda a passar massa nos tijolos, tarefa bem mais leve. Trabalha cinco dias por semana, das 7h às 17h e recebe entre R\$ 600 e R\$ 700 por mês. Além disso, tem outros benefícios: recebe cesta básica, lanche durante o expediente e toma café da manhã na obra. No corte da cana, a usina só dava o transporte e a alimentação era por sua conta. /M.C

Volume de etanol estocado cresce 57% na segunda quinzena de agosto – Sítio Eletrônico do MAPA – 14/09/2010

Brasília (14.9.2010) – O estoque físico de etanol levantado nas unidades produtoras, até a segunda quinzena de agosto, foi de 6,5 bilhões de litros. O volume representa crescimento de 57,44% em relação aos 4,1 bilhões da safra anterior. Já o processamento de cana alcançou 384 milhões de toneladas, 19% superior ao mesmo período em 2009. Os 17 bilhões de litros de etanol e 22 milhões de toneladas de açúcar gerados são 22,8% e 29%, respectivamente, superiores à produção passada.

Os números constam da atualização quinzenal das 432 unidades produtoras cadastradas no Sistema de Acompanhamento da Produção Canavieira (SapCana). O sistema recebe, em tempo real, as informações da produção, comercialização e estoques de açúcar e álcool de todas as usinas. As informações são divulgadas de forma agregada por estado e região.

Para Cid Caldas, diretor de Cana-de-açúcar e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o crescimento expressivo na produção e estoques físicos de etanol combustível garantem o abastecimento na entressafra.

O resultado do Programa de Financiamento para Estocagem de Etanol Combustível também merece destaque. Foram aprovados e contratados 757 milhões de litros e outros 507 milhões de litros estão em análise pelas instituições financeiras. Esse volume corresponde a 44% de R\$ 2,4 bilhões oferecidos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Caldas atribui o sucesso do programa à demanda do setor industrial sucroalcooleiro, equivalente a R\$ 1,054 bilhão em apenas alguns meses de execução. “A intenção é proporcionar melhores condições de comercialização do etanol e o adequado abastecimento interno, evitando problemas no comportamento do mercado”, acrescenta o diretor.

O programa, destinado ao financiamento das usinas, destilarias, empresas de comercialização de etanol e cooperativas de produtores, mediante a garantia do estoque de etanol, pode minimizar as variações dos preços do combustível. O governo busca manter linearidade nos preços do etanol combustível que sofrem queda acentuada na safra (maio a dezembro) e elevação na entressafra (janeiro a abril). *(Inez De Podestà)*

Cresce concentração nas vendas de etanol – Fabiana Batista – Valor econômico – Agronegócios – 15/09/2010

A comercialização de etanol no Brasil está cada vez mais concentrada.

Estima-se que, no início dos anos 2000, cerca de 25% das vendas do biocombustível produzido no CentroSul do país nos mercados interno e externo estavam sob a tutela dos maiores grupos do segmento.

Com a onda de fusões e aquisições e o fortalecimento de modelos de parcerias para a ampliação de escala que sacudiram a área de lá para cá, o percentual não para de aumentar.

Estimativas de mercado mostram que, na safra 2009/10, os sete maiores grupos de comercialização do mercado já representaram 61,4% das vendas. No ciclo atual (2010/11), a fatia nas mãos dos sete grandes será de 67%.

Diferentes fontes do segmento calculam que as usinas que vendem etanol em grupo

chegam a ter custos logísticos entre 10% e 20% menores que as unidades que atuam isoladamente. As vantagens aparecem principalmente na contratação de frete e no compartilhamento de logística.

Essa aglutinação da oferta do biocombustível vem acontecendo, basicamente, de duas formas.

Aprimeira mais antiga é o modelo da Copersucar. Várias usinas se juntam — hoje o grupo tem 39 unidades associadas — e delegam à cooperativa as decisões sobre a melhor estratégia de venda.

O segundo modelo mais usado é o que turbinou as empresas de comercialização. Este ganhou fôlego a partir do início dos anos 2000, depois que o governo federal deixou de regular os mercados de açúcar e álcool, em processo iniciado na década de 90.

Médias e grandes usinas tornam-se clientes dessas empresas de comercialização para ganhar escala na venda e para ter acesso a informações e análises de mercado.

“As informações estão aí para todos, mas o diferencial está em usá-las de forma adequada”, diz Tarcilo Rodrigues, diretor da Bioagência, a segunda maior empresa de comercialização do país.

Ele acrescenta que, neste modelo, as usinas têm 100% de autonomia para decidir sobre a venda do etanol. “Elas são nossas clientes”, esclarece. Assim como a Bioagência, outras empresas com o mesmo perfil foram criadas. A maior delas é a SCA, que tem entre suas clientes a gigante Cosan, maior grupo sucroalcooleiro do mundo. Outra é a Allicom, que reúne os grupos paulistas São Martinho, São João e Santa Cruz, além da paranaense CPA.

Em linhas gerais, o avanço da concentração nesta safra foi puxado pela expansão da Copersucar, que do ano passado para cá agregou pelo menos mais quatro usinas pequenas e médias à sua estrutura.

Também contou com o crescimento da Açúcar Guarani (Grupo Tereos), que comprou duas usinas neste ano. Também houve a aquisição da Santelisa Vale, que estava com problemas financeiros, pela Louis Dreyfus, que praticamente dobrou seus volumes de comercialização de etanol.

“Quem ficar de fora desses ‘pools’ vai ter dificuldade”, diz Rodrigues.

Em operação de exportação, por exemplo, uma usina isoladamente não consegue, de forma viável, alugar um terminal portuário, detalha o executivo. Além disso, continua ele, se a usina tem pouco volume de etanol para vender e vai para a negociação sozinha com uma distribuidora, recebe um desconto maior no preço da carga.

“Enquanto as compras de volumes de usinas pequenas têm descontos de 2,5%, as maiores têm deságios bem inferiores, de 1%”, compara Rodrigues. “Ainda, com maior volume, se há problema de oferta em uma usina, há margem para direcionar o volume demandado para outra”, completa.

Essa concentração na venda de etanol pelas usinas se deu até como resposta à concentração na distribuição de combustível.

“Além disso, os volumes das distribuidoras, que já eram grandes, cresceram mais. Precisamos ser grandes para atendê-las”, diz.

Preço mais estável impulsiona investimentos em logística

A concentração na oferta de etanol, sobretudo nas mãos de grupos mais capitalizados, está colaborando para reduzir a volatilidade dos preços domésticos do etanol neste ano. De acordo com previsão da SCA, a maior empresa de venda de etanol do país, a diferença entre o maior e o menor preço do litro do etanol hidratado, usado diretamente os tanques dos veículos, deve ficar neste ano entre 30% e 35%, ante 114% do ano passado.

Os atraentes preços do açúcar, que reduz a urgência das usinas em vender etanol, também ajuda a conter as fortes oscilações.

O movimento, que já está claramente desenhado neste ano, tende, também, a dar o tom daqui em diante. Com menos volatilidade, cria-se condições para que o setor busque capturar valor com o etanol em outras frentes — não somente na tradicional venda na entressafra.

A logística, afirmam especialistas, está no topo da lista.

Segundo a Bioagência, o uso de ferrovia em vez de rodovia no transporte de etanol pode gerar uma economia de até 50% quando as distâncias são mais longas, como dos Estados do Centro-Oeste até a região litorânea de São Paulo.

“Investimentos em logística sempre foram importantes, mas só agora, com a volatilidade tendendo a diminuir, criam-se vendas e rotas de escoamento de etanol mais regulares. Isso abre condições de investir para criar valorem outra ponta”, diz Tarcilo Rodrigues, presidente da Bioagência Atualmente, em torno de 95% do etanol produzido no CentroSul é transportado por caminhões.

O ideal, segundo Rodrigues, é que esse percentual caia para 60% com o avanço de outros modais no transporte do biocombustível, como ferrovia e hidrovía.

Na semana passada, o grupo paulista Cerradinho colocou em operação o primeiro terminal ferroviário de etanol de Goiás, localizado em Chapadão do Sul, a 40 quilômetros da terceira usina do grupo, no mesmo município. O terminal, que vai operar em parceria com a América Latina Logística (ALL), foi inaugurado para embarcar 2 milhões de litros por dia e recebeu aportes de R\$ 5 milhões.

Por enquanto, a carga da própria empresa ocupa 50% da capacidade, mas estão sendo negociados contratos para carregar etanol das outras usinas da região, segundo Túlio Solbhia, gerente de novos negócios da Cerradinho.

Ele diz que há condição de triplicar a atual capacidade do terminal, somente com os

projetos de usinas novas em andamento em Goiás e em Mato Grosso do Sul.

Outros grupos vêm se movimentando.

A própria Copersucar deve anunciar nos próximos meses um projeto logístico de cerca de R\$ 1 bilhão para açúcar e álcool.

Outros modais também vão ganhar espaço. A Cosan, por exemplo, retomou em 2009 o transporte de etanol por cabotagem marítima até os mercados do Nordeste e do Norte.

“Muitas empresas se sentem economicamente desmotivadas a explorar essas ‘janelas’ de exportação ao Nordeste por causa do custo elevado do transporte rodoviário”, diz Michel Facuri, diretor logístico da Cosan.

Em ferrovia, a Cosan também vai inaugurar três coletores de etanol.

Todos esses projetos devem reforçar a logística para etanol, juntamente com os dois alcooldutos previstos para os próximos anos: o da Uniduto Logística e o da PMCC, consórcio entre Petrobras, Mitsui e Camargo Corrêa). (FB)

Fundo Terra Viva compra terceira usina no Centro-Sul – Fabiana Batista – Valor econômico – Agronegócios – 17/09/2010

O fundo de private equity FIP Terra Viva, administrado pela DGF Investimentos, comprou 32% da usina Paraíso Bioenergia, de Brotas (SP). Foi a terceira usina adquirida neste ano pelo fundo, que passa agora a deter participação em ativos que somam capacidade de moagem de 8 milhões de toneladas de cana. Dos R\$ 300 milhões previstos para serem investidos no setor sucroalcooleiro, entre R\$ 150 milhões e R\$ 200 milhões já foram aplicados na aquisição dos três ativos, afirma Humberto Casagrande, sócio da DGF Investimentos.

Outras usinas continuam no radar do fundo, que nos próximos quatro anos pretende pelo menos dobrar a capacidade de moagem. A meta, diz Casagrande, é formar um pool de indústrias quesomemmoagem de 15 milhões a 20 milhões de toneladas, reunir essas empresas sob o guarda-chuva de uma S.A. e lançá-la ao mercado de capitais.

A empresa também negocia duas parcerias em outros elos da cadeia sucroalcooleira. “Devemos fechar ainda neste ano, uma parceria em logística e outra em insumos, esta última na linha de venture capital”, diz Casagrande.

Em março deste ano, o fundo, que tem como investidores seis fundos de pensão, entre eles a Previ, a Petros e o Banesprev (Santander), adquiriu uma participação minoritária nas duas usinas do grupo Tonon, pertencente à família de mesmo sobrenome, e que juntas reúnem capacidade para moer 5,4 milhões de toneladas. O negócio foi fechado por R\$ 87 milhões e permitiu que se iniciasse a ampliação de uma das unidades, a de Maracajú (MS), que elevará a moagem da dupla para 6,4 milhões de toneladas em 2012.

A outra unidade da Tonon fica em Bocaina (SP) e distante 40 quilômetros da recém-integrante do grupo, a Paraíso Bioenergia. Wilson Pinheiro Júnior, presidente do

conselho de administração da Paraíso, e filho do fundador da usina, na década de 60, Wilson Hélio de Pinheiro, conta que agora serão mapeadas as sinergias possíveis.

“Teremos ganhos em logística, compras de insumos, compartilhamento de máquinas agrícolas, além de estocagem e em contratos comerciais”, afirma Pinheiro Júnior, que é conselheiro da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica).

A Paraíso Bioenergia tem 27 mil hectares cultivados com cana e um mix de 60% para açúcar e 40% para o álcool, este último comercializado com apoio da SCA, maior comercializadora de etanol do país.

A entrada do FIP Terra Viva no negócio criou condição para implantar um projeto de cogeração com bagaço de cana. O plano é investir de R\$ 140 milhões a R\$ 160 milhões para produzir 70 Megawatts (MW) em 2013. O projeto terá um terceiro investidor — provavelmente uma empresa especializada em investimentos de energia com biomassa — que será anunciado nos próximos dias.

O FIP Terra Viva, que também tem como investidores a Funcef, o BNDESPar, a Fachesf e a Fundação Itaipu, foi criado em 2008 e tem ciclo de vida de oito anos. Além de participação minoritária, entre 20% e 50%, nas usinas, o fundo busca se associar a grupos que tenham em comum governança e que estejam alinhado com a estratégia de acessar o mercado de capitais.

Em alta na usina, etanol já reage nos postos – Fabiana Batista – Valor Econômico – Empresas e Tecnologia – 27/09/2010

Mercado Desde julho, preço do litro subiu 19% nas produtoras paulistas; repasse das distribuidoras, até agora, foi de 9%

Até pouco tempo atrás estáveis ou com viés de baixa, os preços do etanol hidratado ao consumidor final em São Paulo, maior centro consumidor do país, começaram a reagir com mais vigor e deverão subir ainda mais. De julho para cá, o litro subiu 9% nos postos paulistas, sendo que entre o fim de agosto e a última sexta-feira a alta foi de 3,2%. Como a valorização do biocombustível vendido pelas usinas a distribuidoras está mais acelerada — chega a 19% desde julho —, especialistas acreditam que as portas estão abertas para novas correções para cima nas bombas.

“Os repasses ao consumidor deverão ser mais intensos a partir desta semana”, diz José Antônio da Rocha, secretário-executivo da Federação Nacional do Comércio de Combustíveis e Lubrificantes (Fecombustíveis).

“E devem persistir ao longo do ano”, complementa.

Só nos últimos 30 dias, o preço do hidratado nos postos de São Paulo saiu de R\$ 1,381 para R\$ 1,425, uma alta de 3,2%, conforme dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP). Apesar da reação, o percentual ainda está abaixo da alta nas usinas no intervalo — 4,8%, de acordo com o Cepea/ Esalq, de R\$ 0,83 para R\$ 0,87.

Em outros Estados, houve poucas oscilações para cima nos preços do etanol hidratado nas últimas quatro semanas. As exceções foram São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Amazonas. Em 15 Estados do país o etanol continua mais competitivo do que a gasolina. Ou seja, tem o preço equivalente a até 70% do valor do concorrente fóssil nos postos, conforme a ANP.

No Estado de São Paulo, o valor médio do litro encerrou a semana passada a R\$ 1,425, ou 58% do valor do litro da gasolina. “O etanol tem espaço para avançar, sem perder a competitividade.

Atualmente custa R\$ 0,87 em São Paulo, e esse valor pode chegar a até cerca de R\$ 1 na usina, líquido de impostos”, afirma Antônio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da União da Indústria da Cana-de-açúcar (Unica).

Após o pico de preços do etanol em janeiro — que na média dos postos em São Paulo chegaram a R\$ 1,55 o litro, enquanto na usina foram a R\$ 1,20 —, os valores entraram em queda. A partir de abril, passaram a apresentar certa estabilidade, com alguns movimentos ainda de baixa. Nesse período, parte dos consumidores de etanol que migrou para a gasolina, afugentada pelos preços altos do início do ano, voltou a abastecer seus veículos com o biocombustível. Mas o saldo do ano ainda é de consumo menor do que em 2009.

Segundo dados da ANP, de janeiro a julho as vendas de etanol hidratado nos postos acumulam 7,9 bilhões de litros, 14% menos do que nos mesmos sete meses de 2009. “No primeiro trimestre do ano, o consumo de etanol chegou a cair 25% e migrou para a gasolina. As distribuidoras tiveram que fazer um malabarismo logístico para conseguir atender a uma mudança tão brusca no consumo”, lembra Rocha.

Isso pode, em parte, explicar a razão de as distribuidoras estarem mais lentas no repasse dos aumentos na usina, segundo ele.

Mas, para Alísio Mendes Vaz, vice-presidente executivo do Sindicom (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes), a concorrência desleal de distribuidoras que não recolhem tributos é o principal motivo. “Apesar de sempre existir, essa forma de ilegalidade voltou com mais força neste ano”, diz. São empresas que se constituem legalmente e começam a operar, mas não pagam imposto, explica Mendes. Quando o acúmulo de inadimplência tributária chega ao limite, continua, essas empresas encerram atividade e uma outra distribuidora é aberta.

“Sem recolher imposto, essas distribuidoras conseguem vender o etanol a preços mais baixos e seguram todo o mercado”, diz Mendes.

Segundo o Sindicom, a informalidade em etanol e gasolina atinge 30% do mercado nacional e, em São Paulo, fica entre 40% e 50%.

Essa concorrência se torna ainda mais predatória em um mercado como o da capital paulista, onde nenhuma distribuidora quer perder espaço. “As distribuidoras na capital estão operando com margem negativa para etanol para não perderem mercado”, diz Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura.

Ele reconhece que a informalidade tem forte impacto na manutenção dos preços baixos do etanol, mas acredita que outras questões estruturais estão reforçando esse movimento. “Sonegação sempre existiu.

Tem altos e baixos, mas isso não explica tudo. É possível que as distribuidoras busquem reduzir suas margens para equilibrar o mercado de etanol e de gasolina, de forma a evitar movimentos bruscos, que geram problemas logísticos e necessidade de maior importação de gasolina”, pondera.

Mas, ainda que o mercado informal esteja ajudando a manter “artificialmente” os preços em baixa, em uma hora ou outra o mercado vai corrigir, de forma a buscar o equilíbrio entre oferta e demanda, diz Tarcilo Rodrigues, da Bioagência.

Mecanização da cultura é irreversível, diz o presidente Lula – Folha de São Paulo – Mercado – 28/09/2010

DE BARRA BONITA (SP) - O presidente Lula disse ontem, em Barra Bonita (a 267 km de São Paulo), que a mecanização da cultura da cana-de-açúcar é "irreversível" e que os cortadores devem ser capacitados para atuarem em outras áreas. "Outro dia, numa feira agrícola, vi uma máquina que era capaz de realizar o trabalho de cem cortadores. Sei que isso deixa vocês apreensivos, mas o trabalho de corte é desumano", disse para uma plateia formada, em sua maioria, por cortadores de cana. "Temos que assumir a responsabilidade de ensinar vocês a aprenderem uma profissão para ganhar mais do que ganham no corte de cana", afirmou Lula, que também defendeu que essa capacitação seja feita pelo governo e pelos empresários do setor. As declarações foram feitas durante o evento de inauguração de uma unidade termoelétrica de biomassa do Grupo Cosan, que utiliza o bagaço da cana-de-açúcar para gerar energia. Também foram inauguradas outras sete usinas termoelétricas de biomassa.

As usinas receberam R\$ 853,61 milhões em recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). No evento, empresários do setor sucro energético pediram que Lula use sua influência para pressionar os EUA a abandonarem sua política tarifária contra o álcool brasileiro.

Em seu discurso, Lula reiterou as vantagens do álcool brasileiro sobre o americano, feito a partir do milho. "O problema de usar milho como combustível é que ele encarece o preço da ração animal, e o álcool americano custa três vezes o preço do nosso", disse.

Etanol em motores pesados para nos testes – Marli Olmos – Valor Econômico – Empresas e Tecnologia – 29/09/2010

Veículos Brasil supera fase de experiências em ônibus e caminhões, mas utilização dos veículos esbarra no custo

Faz três anos que o Brasil testa ônibus movidos a etanol e há dois faz experiências semelhantes em caminhões. Os dois veículos já passaram, com sucesso, pelo prazo de experiência. Mas dificilmente atrairiam o interesse dos transportadores espontaneamente porque são mais caros que os modelos a diesel.

Em Estocolmo, Suécia, o transporte urbano de passageiros começou a utilizar etanol em 1989 e, hoje, já abrange 700 ônibus. O combustível que abastece a frota verde da capital sueca é todo importado do Brasil.

Aparentemente, seria mais natural compreender o uso regular do etanol em veículos pesados no Brasil do que na Suécia. Afinal, o país produz esse combustível em grande escala e comece já abastece grande parte da frota de carros de passeio. A questão não é tão fácil de resolver. A Scania é o único fabricante de caminhões e ônibus que tem feito esse tipo de experiência.

A empresa se envolveu na discussão com base no trabalho desenvolvido pela matriz, na Suécia, que produz os coletivos que circulam em Estocolmo.

Esse tipo de motor foi desenvolvido na fábrica europeia. Por isso, os veículos em teste no Brasil usam motores importados. Mas esse não é o único item do projeto que depende de importação. É preciso adicionar um aditivo, também comprado na Europa.

Para o motor de um veículo que originalmente foi concebido para receber diesel funcionar com etanol é preciso hidratar o combustível com 5% de um aditivo especial, necessário para a ignição e para a queima.

Ao contrário dos automóveis, nos quais é possível misturar com gasolina, no caminhão ou ônibus o etanol não pode ser misturado com nenhum outro combustível.

A necessidade de um etanol “diferente”, misturado com aditivo, limita o abastecimento dos veículos.

Não seria possível, por exemplo, um caminhão parar num posto de estrada para encher o tanque porque o etanol dali não teria aditivo.

Mas muita coisa já pode ser feita.

Os testes com ônibus no Brasil, iniciados em 2007, abrangem só veículos urbanos, que são abastecidos nas garagens das próprias empresas. No transporte urbano isso é normal. Já no caso dos caminhões as limitações são maiores.

Os testes estão sendo feitos em usinas de cana de açúcar.

“Em razão da necessidade do aditivo precisamos pensar em situações de confinamento, mas mesmo o caminhão pode atender a diversas finalidades, como uma betoneira, frigorífico ou a distribuição de

bebidas e coleta de lixo na área urbana”, explica o diretor geral da Scania do Brasil, Roberto Leoncini.

Mas o etanol também não é usado nos caminhões mais pesados. O motor é de 270 cavalos. E a potência menor limita o volume de carga.

As experiências têm mostrado redução de emissões. A mais significativa aparece no dióxido de carbono, onde a queda chega a 90% na comparação com o diesel, afirma Leoncini. Com motor a etanol, o veículo também atende às exigências europeias de emissão de poluentes, o chamado EURO 5 — que entrará em vigor no Brasil em 2012 — e o EEV (Enhanced Environmentally Friendly Vehicles).

O caminhão a etanol começou a circular entre as usinas de cana em São Paulo. Este ano, está na usina Catanduva, do grupo Virgolino de Oliveira, onde serve para rebocar carretas que transportam cana. O trabalho é feito num raio de 60 km, o que permite o abastecimento num tanque dentro da usina, que armazena o etanol misturado ao aditivo. “O grande desafio para esse projeto dar certo é reduzir o custo”, afirma o gerente de manutenção automotiva da usina Catanduva, Armando José Daltem. Segundo ele, o veículo em teste percorre 250 quilômetros diariamente.

Relatórios detalhados sobre o desempenho do veículo e consumo são mantidos em sigilo e repassados pela usina periodicamente para o fabricante. Segundo Leoncini, da Scania, o veículo movido a etanol tem um custo operacional entre 25% e 30% mais alto que o similar a diesel. Isso inclui ônibus.

Mas ele garante que a montadora está pronta para atender qualquer demanda. “A Scania entende que o etanol é o melhor combustível renovável para substituir o diesel, principalmente no transporte urbano. O custo pode cair com o aumento da escala”.

Se para Scania e usineiros, os veículos a etanol podem trazer aumento de vendas, a área de pesquisa acadêmica, que também se envolveu na questão dos ônibus, busca soluções para o ambiente. “Para nós, o objetivo é fazer com que se respire melhor em cidades como São Paulo”, diz Sílvia Velazquez, pesquisadora do Cenbio (Centro

Nacional de Referência em Biomassa), órgão do Instituto de Eletrotécnica e Energia (IEE), da USP.

A participação da equipe do Cenbio nesse projeto depende de verbas de órgãos que financiam a pesquisa.

Graças a uma recente aprovação do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o trabalho dos pesquisadores foi garantido por mais 18 meses.

Sílvia Velazques acredita, no entanto, que já passou da hora de um projeto como esse envolver a política

de transporte e de saúde para a população das grandes cidades.

“São questões que dependem de recursos públicos, que, ao final das contas, acabam sendo gastos com o tratamento de doenças cardiorespiratórias, provocadas pela poluição”.

A pesquisadora garante que já há discussões avançadas tanto para a nacionalização do motor como a do aditivo.

O primeiro dos dois ônibus em teste em São Paulo já percorreu mais de 100 mil km. O segundo, 25 mil.

Ninguém sabe informar até quando os veículos serão testados.

Futuro do etanol é promissor, mas há obstáculos a enfrentar - THAÍS MARZOLA ZARA – Folha de São Paulo – Mercado – 29/09/2010

Mesmo com a recente descoberta de jazidas de petróleo não exploradas, o fato é que o petróleo é um recurso escasso, e o Brasil saiu na frente na produção de combustíveis alternativos, com o etanol encabeçando a lista.

A produção do combustível começou a ser incentivada em larga escala a partir do Proálcool, em 1975.

Desde então, houve uma época em que os carros movidos a etanol chegaram a fazer sucesso, mas a produção do combustível no Brasil sempre esteve, até recentemente, mais direcionada à complementação da gasolina. Graças à proliferação dos carros bicombustíveis, especialmente a partir de 2004, a produção de etanol deslanchou no país.

Em 2006, o Brasil produziu 15,9 bilhões de litros de etanol. Já em 2009, essa cifra foi de 27,5 bilhões de litros. Ou seja, a produção cresceu 73% nesse período. E o melhor, esse aumento não ocorreu à custa da redução da produção de açúcar. Pelo contrário, ela cresceu 20%, passando de 25,9 milhões de toneladas em 2006 para 31 milhões de toneladas em 2009. Um salto e tanto, que permitiu ao Brasil se tornar o maior país produtor de cana-de-açúcar, superando a Índia.

Tais cifras sinalizam quão promissor é o futuro do setor. Ainda assim, há desafios a serem enfrentados.

No mercado doméstico, a principal questão a ser solucionada refere-se às oscilações do preço do combustível entre os períodos de safra e de entressafra.

Contudo, o mercado em si é cativo e sua expansão é garantida pelo crescimento da frota de veículos, que está ocorrendo, em sua quase totalidade, calcada em veículos bicompostíveis.

No mercado externo, todavia, estão as maiores oportunidades e desafios. A principal dificuldade enfrentada hoje pelo produto é a entrada nos mercados dos Estados Unidos e da União Européia.

É que a imposição de tarifas torna o etanol brasileiro menos competitivo em relação ao produzido localmente, mesmo que a eficiência do brasileiro, derivado da cana-de-açúcar, seja muito maior que a do derivado de milho. Já há propostas de um trabalho conjunto entre os dois maiores produtores mundiais de cana-de-açúcar (Brasil e Índia) para tentar negociar a redução dessas barreiras e tornar o etanol uma commodity global.

Seria uma alternativa sustentável de energia de baixo carbono em substituição ao petróleo. Mas ainda é preciso avançar nessa área.

Por fim, o maior desafio do setor é a geração de bioeletricidade, iniciativa incipiente que, se prosperar, pode realmente transformar o país num imenso tapete verde.

THAÍS MARZOLA ZARA é economista-chefe da Rosenberg Consultores Associados e mestre em economia pela USP.

Biodiesel

Governo e setor privado discutem fortalecimento da cadeia do biodiesel – Sítio Eletrônico do MAPA- 03/09/2010

Brasília (3.9.2010) - A glicerina excedente da indústria de biocombustíveis usada na alimentação animal foi tema da 10ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Oleaginosas e Biodiesel, realizada na quinta-feira, 2 de setembro, em Brasília (DF). A glicerina é um composto orgânico obtido a partir de óleos e gorduras, utilizado na fabricação de sabão e outros produtos químicos. Com o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), sua disponibilidade cresceu e, como subproduto da fabricação de biodiesel, teve o preço reduzido e outras formas de utilização. A câmara abordou também a crescente produção de canola, planta oleaginosa rica em óleo, matéria-prima alternativa na composição de biocombustíveis.

Presidente da Câmara Setorial de Oleaginosas e Biodiesel, Denilson Ferreira, diz que a glicerina, já utilizada como aditivo tecnológico (estabilizante, espessante, emulsificante) em produtos para alimentação animal, é uma fonte nutricional economicamente viável. Durante o encontro, governo e setor privado trocaram informações sobre o uso do ingrediente, critérios de conformidade e qualidade para ser empregado na alimentação animal. Para isso o produto deve ter, na sua fórmula, no mínimo 80% de glicerol e no máximo 150 partes por milhão (ppm) de metanol.

Canola

Terceira oleaginosa mais produzida no mundo, a canola vem ganhando espaço no mercado brasileiro. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima a produção, na safra 2010, de 60,7 mil toneladas, 40% a mais que no ciclo anterior, quando a produção ficou em 42 mil toneladas. Como *commodity*, a canola responde por 16% da produção de óleos vegetais, atrás da palma, também conhecida como dendê, (34%) e da soja (33%).

Para Denilson Ferreira, que também é coordenador-geral de Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o aumento da produção de canola reflete a consolidação da indústria do biodiesel no Brasil. Ele avalia que a indústria pode contribuir para a ampliação da oferta diversificada de óleos, como soja, girassol, palma, dendê e canola.

Atualmente, o cultivo da canola ocupa área de 45 mil hectares nos três estados maiores produtores: Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso do Sul. A colheita prevista é de 1,3 mil kg por hectare. Segundo Ferreira, considerando o teor de óleo por grão, serão produzidos 500 litros por hectare. Na Europa, a canola é uma das mais importantes matérias-primas para o biodiesel, inclusive no aproveitamento de grãos descartados da comercialização. Já o farelo da oleaginosa concentra de 34% a 38 % de proteínas e, por isso, é utilizado na formulação de rações animais.

O presidente da Câmara Setorial diz que as discussões para reunir políticas públicas com a iniciativa privada e fortalecer a cadeia produtiva do biodiesel continuarão. Ele ressalta as novas tecnologias e a diversificação de oleaginosas como alternativas viáveis para suprir a demanda mundial de biocombustíveis. Além dos benefícios sociais e da capacidade de gerar renda ao agricultor, Denílson Ferreira aponta que, no Sul do País, o setor pode promover a indústria local. “Para se ter uma ideia, uma única usina é responsável por um terço da produção de canola para atender o mercado em expansão”, afirma. (*Sophia Gebrim*)

Presidente da PBio visita produtores de girassol – Biodiesel BR – 17/09/2010

O presidente da Petrobras Biocombustível, Miguel Rosseto, visitou nesta quinta-feira, 16, produtores de girassol que participam do Programa de Suprimento Agrícola da empresa, no município de Poço Redondo. Atualmente em fase de colheita, o girassol já apresenta bons resultados na região.

Segundo Rosseto, a produtividade cresce a cada ano, o que mostra o resultado da integração entre agricultores, cooperativas, Petrobras Biocombustível e Embrapa. “O girassol é uma nova cultura que está sendo introduzida no semiárido, onde operamos três usinas de biodiesel. A expectativa é colher aproximadamente 1.000 toneladas de girassol, um volume 10 vezes maior que na safra anterior”.

Miguel Rosseto esteve em Poço Redondo

(Foto: Ascom/Petrobras)

Aumentar Fechar

Miguel Rosseto esteve em Poço Redondo

(Foto: Ascom/Petrobras)

A produção de girassol do Sergipe faz parte da estratégia de suprimento para a Usina de Biodiesel de Candeias, na Bahia, que após a conclusão das obras de duplicação no mês passado, se tornou a maior usina da empresa, com capacidade de produzir 217,2 milhões de litros de biodiesel/ano. “Vamos crescer mais. Vamos crescer no Sergipe para atender a este novo patamar”, disse o presidente

Rosseto comentou ainda que o investimento em desenvolvimento de tecnologias agrícolas é fundamental. “Trabalhamos com sementes desenvolvidas pela Embrapa, que atingiram, em algumas propriedades, produtividade de até 1.500 kg de girassol por hectare”, destacou o presidente que, na parte da manhã, visitou a Fazenda Experimental desta instituição de pesquisa, no município de Frei Paulo, onde são desenvolvidas novas variedades de girassol com foco no aumento da produtividade e na adaptação ao semiárido.

Aumentar Fechar

Com atuação no Sergipe há dois anos, a Petrobras Biocombustível tem atualmente 2.800 agricultores contratados para os quais presta assistência técnica agrícola, disponibiliza sementes certificadas e mantém contratos com prazo de cinco anos e compra assegurada dos grãos.

Biocombustíveis terão aporte de US\$ 5 bilhões – Biodiesel BR – 16/09/2010

Ricardo de Gusmão Dornelles, diretor do Departamento de Biocombustíveis Renováveis do Ministério das Minas e Energia, disse ontem que o segmento deve receber em torno de US\$ 5 bilhões em investimentos nos próximos cinco anos. O volume foi usado como indicador do potencial brasileiro para se tornar o grande fornecedor do setor no mundo.

Do total dos investimentos, pelo menos US\$ 3,5 bilhões serão da Petrobras e US\$ 1 bilhão da British Petroleum (BP), que vai aplicar seus recursos na produção de etanol.

De acordo com Dornelles, o restante dos investimentos deverá vir de vários investidores de menor porte. Em palestra sobre o mercado de biocombustíveis na Rio Oil & Gas 2010, o executivo apontou que o Brasil e os Estados Unidos serão os países a liderar mundialmente a produção dos biocombustíveis.

"Os Estados Unidos e a União Europeia (UE) devem consumir dois terços da demanda mundial", disse o diretor do Departamento de Biocombustíveis Renováveis do Ministério das Minas e Energia. Segundo ele, até 2022 os Estados Unidos consumirão 136 bilhões de litros de biocombustível e a União Europeia, 14,6 bilhões de litros. "Nem os Estados Unidos nem a União Europeia têm condições agrícolas e econômicas de produzir esta quantidade", destacou, lembrando que o mercado americano "teve a visão da necessidade de diversificar as fontes de energia".

Parceria com agricultores do Pará marca entrada da PBio no mercado europeu – Biodiesel BR – 23/09/2010

Petrobras Biocombustível assinou, na última quarta-feira (22/9), em Tailândia (PA) contratos para implantação do 1º Pólo de Produção do Projeto Belém, em sua primeira fase, para plantio de seis mil hectares e mais de 1 milhão de mudas de palma a serem plantadas em parceria com agricultores do município de Tailândia.

Para o presidente da Petrobras Biocombustível, Miguel Rossetto, a assinatura dos contratos de arrendamento de terra representa o início da presença de longo prazo da Petrobras Biocombustível no Pará. "Chegamos ao município de Tailândia para construir uma relação de confiança com a população local. Este é um grande exemplo para o Brasil e para mundo de que podemos construir um projeto correto e sustentável ambientalmente."

O diretor de Suprimento Agrícola, Janio Rosa, destacou o impacto do projeto na geração de empregos “Vamos gerar mil postos de trabalho direto ao final da implantação das duas etapas do projeto, que abrangerá 12 mil hectares, envolvendo agricultores familiares, médios e grandes produtores, técnicos agrícolas e ambientais, engenheiros agrônomos e ambientais”, disse o diretor, complementando que estes profissionais receberão treinamento, formando assim mão-de-obra qualificada na região.

Com investimentos previstos de R\$ 554 milhões, no Brasil, o Projeto Belém prevê a produção de 300 mil toneladas de óleo de palma, no Estado do Pará, que será destinado à produção de green diesel em Portugal. O empreendimento, em parceria com a empresa portuguesa Galp Energia, é voltado para a produção de 250 mil toneladas/ano deste biocombustível e marca a entrada da Petrobras no mercado europeu de produção de biocombustíveis.

O projeto Belém prevê a instalação de quatro complexos industriais de extração de óleo de palma, com unidades de cogeração de energia, instalações de tancagem para exportação e de uma usina de produção de green diesel no distrito de Sines, ao sul de Portugal.

As primeiras áreas, que serão arrendadas, alcançarão em torno de 6 mil hectares, em Tailândia, e serão destinadas à implantação de palmares com o plantio de cerca de 1 milhão de mudas. O plantio das mudas nestas áreas está previsto para começar em janeiro de 2011 e o início da colheita a partir de 2015.

O projeto abrangerá os municípios de Tailândia, Tomé-Açu, Moju, Acará, Concórdia do Pará, Bujaru e Abaetetuba. Além das áreas arrendadas, o projeto envolverá cerca de 1.000 agricultores familiares, além de gerar 5 mil empregos diretos.

A estratégia de suprimento da unidade de biodiesel prevê o plantio de palma em áreas desmatadas. Com isso, o projeto trará benefícios ambientais, com a recuperação destas áreas, proporcionando proteção de solo, equilíbrio ecológico e a reintegração econômica destas regiões, além de contribuir para a redução de gases de efeito estufa no ciclo de produção do óleo vegetal e na produção de biodiesel.

O evento contou com a presença do presidente da Petrobras Biocombustível, Miguel Rosseto, do diretor de Suprimento Agrícola, Janio Rosa, do secretário de Estado de Projetos Estratégicos, Marcílio Monteiro e lideranças do município de Tailândia.

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Etanol

A corrida mundial em busca de energia renovável – Marcos Bruckeridge – O Estado de São Paulo – 01/09/2010

China lidera em energia solar e eólica; Brasil se destaca com etanol

Se tentarmos prever como será a matriz energética mundial em 20 anos, o melhor palpite é que será um mosaico. O mundo está passando por uma transição entre o uso majoritário de combustíveis fósseis e a era dos renováveis. Segundo o relatório deste ano do REN21 (sigla em inglês para Rede de Política Energética para o Século 21), as fontes de energias renováveis já chegam a um quarto da capacidade global de produção de energia. Os investimentos nessa área aumentaram em 50% de 2007 a 2009, e o relatório cita como notáveis investidores na área o BNDES e o Banco de Investimento Europeu. O número de empregos diretos na indústria de renováveis em 2009 foi de 3 milhões, sendo que metade deles está relacionada com a indústria de **biocombustíveis**, especialmente no Brasil, com o etanol de cana, e nos Estados Unidos, com o etanol de milho.

Ou seja, produzir energia renovável não é só uma tendência, mas uma realidade mundial a ser considerada nas estratégias de qualquer país. O que se entende por energias renováveis são a da água (hidráulica), do sol, dos ventos e dos biocombustíveis (etanol e biodiesel), principalmente. No ranking dos cinco países que mais usaram essas fontes em 2009, a China liderou no uso de eólica, para eletricidade, e solar, para aquecimento de água. A Alemanha lidera na eletricidade solar (fotovoltaica) e os EUA no etanol, seguidos de perto pelo Brasil.

Parece não haver propriamente uma competição entre os países para a produção de energia, pois cada um terá primeiro de dar conta de seu próprio consumo.

Mesmo com a crise econômica que atingiu seriamente os EUA e a Europa, o mundo não para de desenvolver políticas de estímulo ao crescimento. O destaque é para os países dos Brics (grupo formado por Brasil, Rússia, Índia e China), no qual a China lidera claramente em taxas de crescimento econômico e deverá apresentar uma demanda energética astronômica.

Diante de tanta demanda por energias renováveis, o sistema emperra no conhecimento técnico necessário para produzi-las. É aí que entram a ciência e a tecnologia, cujas velocidades de produção são proporcionalmente menores do que o potencial de formação de novas empresas.

Não adianta produzir conhecimento se não for para aplicá-lo, e é nesse ponto que o

Brasil corre sério risco de ficar para trás em relação a outros países, especialmente a China. Enquanto lá é possível abrir uma empresa em poucos dias, aqui temos de amargar meses. Outra diferença, não necessariamente positiva do ponto de vista social, são encargos trabalhistas, que na China e nos EUA ou não existem ou são bem mais baixos. Com isso, um empreendedor do futuro, se puder escolher onde montar sua empresa, preferirá China ou EUA ao Brasil.

Essa fórmula de alinhar políticas públicas com a produção de conhecimento, desenvolvimento tecnológico e dinâmica empresarial deve ser cuidadosamente desenhada pelo governo. E deveria ser, sem dúvida, um dos pontos principais das políticas públicas do próximo presidente. O tripé saúde, segurança e educação é inquestionavelmente importante, mas não se sustenta no longo prazo se não houver energia para produzir a comida que alimenta os médicos, policiais e professores incumbidos dessas tarefas.

*É PROFESSOR DA USP E DIRETOR CIENTÍFICO DO LABORATÓRIO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO BIOETANOL (CTBE)

Abastecimento de açúcar e etanol estão garantidos – Sítio Eletrônico do MAPA – 02/09/2010

Brasília (2.9.2010) - O Brasil caminha para aumentar a produção de etanol e açúcar, com apoio adequado do governo federal aos dois mercados. A afirmação é do secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Manoel Bertone. Ele anunciou, nesta quinta-feira, 2 de setembro, o segundo levantamento da safra 2010/2011 de cana-de-açúcar da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). “É uma safra muito boa e promissora. Verificamos aumento considerável na produção de cana, açúcar e etanol. Prevemos o pleno abastecimento do mercado”, destacou.

A estimativa da safra de cana-de-açúcar que está sendo moída pela indústria sucroalcooleira é de 651,51 milhões de toneladas para este ano, indicando aumento de 7,8% na produção total em relação ao ciclo 2009/2010. Bertone lembrou que a estiagem favorece a colheita e aumenta o teor de sacarose na cana. Segundo o secretário, a produção atual deve ficar com até 144 kg de Açúcar Total Recuperável (ART) por tonelada. O último ciclo teve registro de 130 kg por tonelada. Essa é a sacarose que poderá ser usada para a produção de açúcar ou etanol.

Em relação aos preços do etanol, o secretário de Produção e Agroenergia disse que deve haver estabilidade, pela quantidade produzida e estocada na entressafra. “Acreditamos que aquela grande disparidade no ciclo passado, com preços muito baixos no período da safra e preços já muito altos na entressafra, inibindo o consumo, não vai acontecer neste ano”, afirmou. *(Eline Santos)*

LEIA MATÉRIA RELACIONADA

Conab reduz previsão para cana – Valor Econômico – 03/09/2010

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) reduziu sua estimativa de processamento de cana no Brasil nesta safra 2010/11. A nova previsão é de moagem de 651,5 milhões de toneladas no país, ante as 664,3 milhões estimadas em abril.

A maior queda se dará no Centro-Sul, que deverá processar, segundo a Conab, 583,6 milhões de toneladas de cana, 2,1% abaixo das 596 milhões de toneladas previstas em abril. Na comparação com a safra 2009/10, o movimento continua sendo de expansão da moagem, de 7,7%.

A nova previsão é de produção de 38,1 milhões de toneladas de açúcar, ante 38,6 milhões de toneladas do levantamento de abril. A estimativa para **etanol** ficou praticamente inalterada, em 28,4 bilhões de litros no país. (FB)

Brasil precisa definir já uma política para os combustíveis - Adriano Pires - Folha de São Paulo – 03/09/2010

O preço do petróleo continua oscilando desde quando foi deflagrada a crise econômica, em outubro de 2008. Enquanto isso, o governo inventa uma série de explicações para não mexer nos preços da gasolina e do óleo diesel. Uma hora são as perdas da Petrobras, pelo fato de a estatal não ter aumentado os preços dos dois derivados quando o barril do petróleo estava acima de US\$ 100. Em outro momento, a direção da empresa anuncia que está esperando o petróleo atingir um preço de equilíbrio. O fato é que o preço do petróleo caiu com a crise e os consumidores de gasolina e de óleo diesel ainda não sentiram nada nos bolsos. Porém, o que todos nós sabemos é que a estatal, desde o início da crise econômica, atravessa um problema de alavancagem da dívida. Assim, neste momento, manter os preços da gasolina e do óleo diesel acima dos do mercado internacional é uma ajuda fundamental e essencial para o seu caixa. A política de preços da Petrobras é completamente diferente da da maioria das petroleiras -quando o barril de petróleo estava caro, a empresa subsidiava o consumidor; atualmente, com o barril mais barato, os consumidores de gasolina e de óleo diesel são compulsoriamente financiadores da estatal. E por que tudo isso acontece? Porque falta, em primeiro lugar -e não é de hoje-, uma política de combustíveis no Brasil. A falta de uma política de combustíveis provoca uma ciclotimia em que sempre se acaba elegendo e privilegiando o combustível da ocasião. Já foi o óleo diesel, na época do primeiro e do segundo choques do petróleo, depois foi a vez do álcool, voltou a da gasolina -devido ao contrachoque do petróleo em 1986- e, no final dos anos 1990, foi a vez do GNV (gás natural veicular), com a inauguração do gasoduto Brasil-Bolívia. Agora é a vez do **etanol** e do biodiesel. Já está mais do que na hora de o governo elaborar uma política para os combustíveis. O

governo deve definir uma política de longo prazo para a matriz nacional de combustíveis automotivos, bem como uma política tributária que permita internalizar os custos ambientais dos combustíveis mais poluentes -caso da gasolina e do diesel- e beneficiar os menos poluentes, como o etanol, o biodiesel e o GNV. Em segundo lugar, a Petrobras precisa utilizar a sua liberdade de fixação de preços dos derivados em benefício dos seus acionistas e da própria empresa, que acaba sendo prejudicada pelo fato de ter sua política de preços guiada pelos projetos políticos do governo de plantão. Já está na hora de despolitizar o assunto e dar sinais econômicos corretos para os investidores e para os consumidores.

Energia alternativa – Estado de São Paulo – Notas e Informações – 03/09/2010

Para não correr o risco de racionamento de energia em períodos de seca, quando baixa muito o nível dos reservatórios das hidrelétricas, prevalecia até há pouco tempo a tendência de favorecer a construção de usinas termoeletricas, movidas a óleo combustível ou a gás natural.

Há anos em vigor, o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa) atuava mais no âmbito da Eletrobrás, mas o cenário começou a mudar em dezembro do ano passado, com a realização do primeiro leilão de fontes renováveis. No segundo leilão desse tipo, em 26 de agosto, quando foram negociados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) 2.892,2 megawatts (MW) de capacidade, os resultados foram surpreendentes até mesmo para os técnicos e empresários.

Foram contratados na ocasião 50 parques eólicos, que ficaram com 70% do total ofertado, a um preço médio de R\$ 130,86 por megawatt/hora (MWh), abaixo do preço das termoeletricas a gás natural (R\$ 140 por MWh). Como disse o presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, foi quebrada uma série de paradigmas, uma vez que a energia eólica mostrou ser competitiva mesmo em relação à produzida por biomassa (R\$ 144,20 o MWh) e por pequenas centrais hidrelétricas (R\$ 141,93 o MWh).

A capacidade de produção de energia eólica, que era incipiente até a realização dos dois leilões, não passando de 600 MW em 2009, deve alcançar 4.454 MW em três anos e sua participação na matriz energética brasileira deve ficar em torno de 2,5%. É uma fatia pequena, mas tem muito espaço para expansão, estando o maior potencial no Nordeste e no Rio Grande do Sul. Há inconvenientes, é verdade. A instalação de parques eólicos em determinadas áreas deve ser cuidadosa e até evitada, se for prejudicial ao ecossistema ou causar um impacto visual negativo. O barulho causado pela operação dos aerogeradores impõe limites mínimos de distância de áreas habitadas. Além disso, os ventos mudam e não sopram sempre com a mesma intensidade durante todo o ano.

O Brasil, porém, apresenta algumas vantagens naturais, segundo Ricardo Simões, presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica). Ele cita o fator capacidade de geração, que está na casa de 40% no País, em comparação com 22% na Europa, ou seja, as unidades brasileiras podem gerar mais energia por MW instalado. A ABEEólica vem mapeando locais adequados em vários Estados, incluindo propriedades privadas, nas quais a instalação de aerogeradores pode complementar a renda de produtores rurais, que receberão aluguel pelas áreas cedidas para esse fim. A

tecnologia nesse setor tem evoluído rapidamente e hoje existem aerogeradores que amenizam os problemas de ruído.

Além disso, como notam os especialistas, a energia eólica, dadas as condições climáticas, tende a ser associada, no futuro, à energia solar. Um grande problema para a expansão da energia eólica no Brasil era o elevado custo. Contudo, a queda da demanda por energia nos países europeus, como consequência da desaceleração de suas economias, barateou os preços internacionais de geradores e outros equipamentos. Há algum tempo, estimava-se que o custo de um parque eólico estava em torno de R\$5 milhões por MW instalado.

Hoje, esse custo é calculado entre R\$ 4 milhões e R\$ 4,2 milhões por MW. Com a concessão de isenção fiscal e financiamentos a mais longo prazo do BNDES, fábricas de equipamentos específicos já se instalaram ou estão em processo de instalação no Brasil. Estima a ABE Eólica que os parques de geração de energia eólica no Brasil poderão vir a ter uma participação de 20% na matriz energética brasileira nas próximas duas décadas. Trata-se de uma meta ambiciosa, mas, de qualquer forma, a energia eólica tende a crescer no País e sua contribuição para o meio ambiente será notável, uma vez que se trata de uma das formas mais limpas de geração de energia, que, não necessitando de combustível algum, não gera gases de efeito estufa.

Avanço da energia eólica afeta biomassa - TATIANA FREITAS – Folha de São Paulo – Mercado – 04/09/2010

Usineiros e especialista dizem que competição com centrais eólicas é desigual devido a incentivos do governo

Produtores de energia eólica surpreenderam no último leilão; crise derrubou custos de produção, diz Abeeólica

DE SÃO PAULO

O sucesso da energia eólica nos leilões do governo está incomodando os produtores de biomassa e provocando uma disputa entre os geradores desses dois segmentos. Para os produtores de biomassa, é desigual a competição entre a energia produzida com o vento e a resultante da queima do bagaço da cana-de-açúcar. "Só a energia eólica tem financiamento do Banco do Nordeste [BNB] de pai para filho", diz Zilmar de Souza, assessor de bioeletricidade da Unica (associação dos produtores de cana), lembrando que a maioria dos projetos de bioeletricidade está no Centro-Sul do país.

Das 70 centrais eólicas contratadas nos leilões de fontes alternativas da semana passada, 55 estão no Nordeste. Só 12 projetos de biomassa foram selecionados. O preço médio da energia eólica contratada ficou em R\$ 130,86 por MWh, ante R\$ 144,20 da biomassa.

Além do custo diferenciado nos financiamentos, Souza diz que incentivos fiscais para a instalação de usinas no Nordeste tornaram a energia eólica mais barata. O Rio Grande do Norte, por exemplo, oferece isenção de ICMS às empresas do setor. "Existe uma competição entre fontes diferentes que têm custos e localizações diferentes", afirma Nivalde de Castro, coordenador do Gesel (grupo de estudos do setor

elétrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Já Ricardo Simões, presidente da Abeeólica (associação brasileira de energia eólica), diz que o grande financiador desses projetos é o BNDES, que também apoia as usinas de cana. "Eventualmente há um financiamento do BNDES mais BNB, mas não vejo muita diferença no custo dos projetos nesse aspecto", afirma.

EFEITO

CRISE

Segundo Simões, o ganho de competitividade da energia eólica no país está diretamente relacionado à crise econômica. "Na Europa, o setor está estagnado, e os fabricantes de equipamentos viram o Brasil como a nova fronteira no setor", diz. Com o aumento da oferta pelos fabricantes e a queda do dólar, o preço dos equipamentos -que representam de 70% a 80% do custo da energia eólica- caiu. Além disso, os produtores de eólica assumiram taxas de retorno menores em seus empreendimentos. "As nossas margens estão inferiores às de biomassa", diz Simões. Castro, da UFRJ, afirma que, como a maioria dos projetos de eólicas tem grandes grupos internacionais por trás, como Iberdrola e Suez, é mais fácil assumir margens mais apertadas em nome de preservação do mercado.

POTENCIAL

Estima-se que há, no campo, potencial para produção de energia elétrica equivalente a uma Itaipu, a maior hidrelétrica do mundo, com 14 mil MW de capacidade. Mas a participação dos derivados de cana na oferta de energia pouco avançou nas últimas décadas. Passou de 13%, em 1984, para 18%, no ano passado, segundo dados do "Anuário de Energias Renováveis" da AgraFNP, lançado nesta semana. Para José Goldemberg, especialista em energia e ex-ministro da Ciência e Tecnologia, faltam incentivos para a bioeletricidade. "O governo deveria encorajar a modernização das usinas, dando condições para o setor introduzir a energia de biomassa a preços mais baixos no mercado", afirma. Hoje, das 434 usinas de cana instaladas no Brasil, apenas 100 exportam energia elétrica para o sistema.

Usineiros precisam reduzir as margens em biomassa, diz EPE – Tatiana Freitas –
Folha de São Paulo – Mercado – 04/09/2010

DE SÃO PAULO

Os produtores de cana precisam reduzir a expectativa de retorno dos projetos de bioeletricidade para oferecer energia a preços mais baixos. A avaliação é do presidente da EPE (Empresa de Pesquisa Energética), Maurício Tolmasquim. "Não se pode querer o mesmo retorno de uma commodity, como o açúcar, em uma atividade que oferece uma receita estável, como o setor elétrico", afirma. Para Tolmasquim, como a geração de energia a partir da biomassa é um subproduto da atividade principal das usinas -produção de açúcar e álcool-, o resultado da atividade em bioeletricidade funciona como um "hedge" (espécie de seguro) de receita para o setor. Portanto, ele sugere que os usineiros não podem esperar a mesma margem da venda de commodities. "A venda de energia é quase uma aplicação em renda fixa", compara. Ele rebate as insinuações de que existem subsídios para a produção de energia eólica no Nordeste. "O financiamento que o BNDES oferece é excelente", argumenta.

O resultado dos últimos leilões de fontes alternativas, diz Tolmasquim, revelou uma "evolução extraordinária" da energia eólica, com preço mais atrativo do que as térmicas a gás, a R\$ 140 o megawatt-hora (MWh). O presidente da EPE garante que a produção de energia a partir da queima do bagaço e da palha da cana-de-açúcar tem espaço garantido na matriz energética brasileira. "Seria uma irracionalidade não aproveitarmos o potencial energético da cana." Tolmasquim afastou a possibilidade de o governo fazer leilões separados para diferentes tipos de energia alternativas, a fim de evitar uma disputa direta entre as fontes. "Fontes distintas em um mesmo leilão evitam que conluios possam ser formados", afirma. (TF)

Eike constrói a primeira usina solar comercial do país - CIRILO JUNIOR – Folha de São Paulo – Mercado – 05/09/2010

Investimento de R\$ 10 milhões ocorre no Ceará, porém expansão esbarra no custo de importação de equipamento

Produzir energia solar custa até seis vezes mais do que a geração hidrelétrica; setor cobra incentivos do governo

DO RIO

A MPX, do empresário Eike Batista, vai construir a primeira usina solar comercial do país, em Tauá (Ceará). Serão investidos R\$ 10 milhões para a instalação de 1 MW (megawatt) de capacidade, que permitirá abastecer 1.500 residências a partir do ano que vem. A empresa já entrou com pedido na Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) para poder operar até 5 MW, o que deve acontecer em até dois anos. Os planos da MPX preveem ter uma capacidade instalada de até 50 MW em outros projetos. Esse objetivo, porém, ainda esbarra nos custos da energia solar, devido aos equipamentos caros -que só podem ser comprados no exterior. A usina pioneira não indica que o aproveitamento da luz solar para gerar energia esteja finalmente deslançando no país. Faltam projetos e sobram reclamações no setor, que cobra do governo incentivos para desenvolver o mercado. Produzir energia solar custa até seis vezes mais do que a geração hidrelétrica. O custo com energia solar varia entre R\$ 500 e R\$ 600 por megawatt-hora. Representa até quatro vezes mais do que o preço da energia eólica, outra fonte limpa e renovável. O megawatt-hora da energia oriunda dos ventos varia entre R\$ 150 e R\$ 200. A MPX obteve incentivos do governo do Ceará que possibilitaram a construção da unidade. "Mas precisamos ter escala. No mundo, a tecnologia solar vem avançando muito, com incentivos e pesquisa", afirma Marcus Temke, diretor de operações e implantação da MPX.

CUSTO

Para o presidente da Abeama (Associação Brasileira de Energias Renováveis e Meio Ambiente), Ruberval Baldini, o custo da energia solar pode ficar no mesmo patamar da energia eólica, em franca expansão. Mas isso, ressalta, não vai acontecer de forma

natural.

"O Brasil tem feito de tudo para que as energias renováveis caminhem sozinhas. O próprio governo diz que é necessário que a tarifa caia para os projetos saírem do papel. Isso só vai acontecer se o governo agir para que os preços caiam", observa. Produtores chineses de equipamentos têm interesse em se instalar no país. A vinda deles, porém, está condicionada à demanda por material ligado à geração solar. Temke lembra que há investidores estrangeiros com intenção de estabelecer parcerias, de olho na obtenção de créditos de carbono para mitigar a emissão de gases em outros países.

Apesar de ser o segundo lugar do planeta com maior incidência de raios solares, o Brasil está muito distante da Espanha e da Alemanha, cujas capacidades instaladas em energia solar superam os 2.000 MW. "Estamos 20 anos atrasados na energia solar", sentencia Baldini.

Mauricio Arouca, especialista da Coppe/UFRJ, diz ser um contrassenso o Brasil não aproveitar sua condição privilegiada. Lembra que os custos da indústria, em geral, vêm caindo 15% a cada ano. "Temos aqui apenas testes e casos em regiões bastante isoladas", afirma Arouca.

Formação e qualificação profissional são vitais para o etanol – José Carlos Grubisich – Folha de São Paulo – 10/09/2010

O setor de bioenergia é um dos que mais cresceram nos últimos anos e tem o grande desafio de aumentar sua capacidade de produção para atender as demandas dos mercados interno e externo. Importantes investimentos estão sendo feitos -e se intensificarão- na construção de usinas e na expansão de unidades já existentes, com a agregação de modernas tecnologias.

Mas, como atingir esse patamar sem equipes qualificadas e sem uma cultura de empresariamento? Hoje, o setor está presente em 22 Estados e emprega mais de 850 mil pessoas.

Desde os anos 1970, trabalhadores de todas as regiões do país, principalmente do Nordeste e com baixa qualificação, migravam para obter, por meio do plantio e do corte manual da cana-de-açúcar, fonte de renda para suas famílias durante os curtos meses de safra.

As inovações tecnológicas implantadas na cadeia produtiva -máquinas agrícolas com computadores de bordo e sistemas de GPS aliados à alta automatização nas áreas agrícola e industrial- transformaram a realidade e a cultura do setor. Nesse cenário, um esforço significativo na qualificação de pessoas torna-se tarefa inadiável. Atualmente, assumir responsabilidades na agroindústria exige profissionais tão qualificados quanto aqueles que atuam em fábricas de alta tecnologia. Com o potencial de crescimento do **etanol** e as perspectivas futuras, a falta de profissionais capacitados é tida por especialistas como um dos principais gargalos do setor.

Segundo estimativas, as cem novas usinas que serão instaladas no país criarão mais de 1,2 milhão de empregos no período de cinco anos. O setor de bioenergia, consciente do desafio, está implantando programas de qualificação em parceria com instituições públicas e privadas.

Um levantamento feito de abril deste ano mostra que mais de 80 mil profissionais foram formados em cursos multifuncionais e estão aptos a exercer novas atividades agrícolas e industriais.

Esse número, entretanto, representa apenas 6% do nosso desafio. O desenvolvimento profissional e a criação de oportunidades ultrapassam as fronteiras da agroindústria. Além de aperfeiçoar seus integrantes, as empresas promovem cursos técnicos nos locais em que suas unidades estão instaladas. Os treinamentos, com aulas teóricas e práticas, valorizam e melhoram a qualidade de vida dos moradores e de suas famílias e aumentam a geração de renda nessas comunidades.

É indiscutível a importância que as pessoas têm no desenvolvimento econômico e social de qualquer país ou empresa. O setor de bioenergia conquistou no Brasil uma posição de protagonista no cenário internacional e torna-se indispensável uma ação rápida e proativa na criação de programas de formação e de qualificação profissional para manter o etanol brasileiro competitivo e ainda mais sustentável.

Definidas regras para subvenção a produtores de cana do Nordeste – Sítio Eletrônico do MAPA – 23/09/2010

Brasília (23.9.2010) - A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) publicou, nesta quinta-feira, 23 de setembro, o [regulamento](#) para subvenção aos produtores de cana-de-açúcar do Nordeste, safra 2009/2010. Podem receber o benefício agricultores e/ou cooperativas que tenham processado a cana em usinas da região, no período de 1º de agosto de 2009 a 31 de julho de 2010. O regulamento prevê o pagamento de R\$ 5, por tonelada de cana entregue, com limite de 10 mil toneladas por produtor. A subvenção foi autorizada, em junho, pela Lei nº 12.249 (artigos 131 e 132).

Para participar, o agricultor deve se credenciar na Conab até 31 de dezembro deste ano, seguindo os passos definidos no regulamento. Quem entregar a documentação exigida até 31 de outubro, poderá receber a subvenção ainda em 2010. Os documentos apresentados serão analisados pela superintendência da Conab no estado onde se localiza a indústria processadora.

“O governo vai conceder a subvenção para que o produtor do Nordeste continue a produzir, já que a região foi afetada por seca, seguida por chuvas fortes que provocaram perdas importantes na lavoura de cana”, afirmou o diretor de Cana-de-Açúcar e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Cid Caldas. A cana-de-açúcar proveniente da região representa 2,5% de toda produção brasileira. (*Laila Muniz*).

Energia mais cara – Estado de São Paulo – Notas e Informações – 25/09/2010

O aumento excepcional do preço da energia elétrica no mercado de curto prazo, como parte de uma onda altista que se observa desde junho e pode se estender até 2011, é apenas o primeiro problema – e o mais sensível ao bolso – que os consumidores enfrentam por causa da estiagem. Com a redução do nível dos reservatórios das usinas hidrelétricas, é cada vez mais intenso o uso das termoelétricas, que produzem energia a um custo bem mais alto e causam mais danos ambientais. Mas o custo adicional para os

consumidores, embora possa ultrapassar a casa do bilhão de reais em 2010, talvez nem seja o pior dos problemas. Para os reservatórios da Região Sudeste, este está sendo o pior mês de setembro desde 2001, quando houve o racionamento que o petismo não se cansa de explorar. O risco de o problema se repetir no seu governo é cada vez maior. Há pouco mais de três semanas, quando os relatórios sobre a situação dos reservatórios das hidrelétricas em todo o País, com exceção dos da Região Sul, já eram preocupantes, o ministro de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, garantia não haver nenhum problema no setor, pois a seca não afetaria o abastecimento. Dizia até que poderia reduzir, de 4,0 mil megawatts (MW) médios para 2,5mil MW, a geração pelas usinas térmicas, que utilizam combustíveis fósseis (carvão, óleo combustível ou gás natural). Já naquele momento, porém, por causa da preocupante situação dos reservatórios, o Operador Nacional do Sistema (ONS) tinha decidido quadruplicar a participação das térmicas na produção nacional de energia em relação a 2009. Em agosto do ano passado, as térmicas responderam por 2,7% da produção; no mês passado, a fatia subiu para 12,1%. Com o agravamento do problema, apesar da aparente tranquilidade do ministro, em setembro, até o dia 22, as térmicas tinham respondido por mais de 20% da energia consumida no País. O resultado, como mostrou o jornal Valor, foi a disparada dos preços da energia no mercado de curto prazo. Em uma semana, o preço de liquidação das diferenças, considerado o preço do mercado à vista, subiu 30%, aumento compatível com a decisão anunciada na quinta-feira pelo ONS sobre o custo adicional de todo o sistema de geração de energia em razão do acionamento das termoeletricas. As hidrelétricas são acionadas por um insumo em tese gratuito – a água dos rios –, enquanto as térmicas pagam por metro cúbico de gás ou por litro de óleo combustível consumido. No mercado à vista, a energia foi negociada nos últimos dias a R\$ 245 por MWh no Norte e no Nordeste e a R\$165 no Sudeste e no Centro-Oeste. Na semana passada foram acionadas termo elétricas que produzem energia a R\$ 500 o MWh. Outras, cuja operação poderá ser autorizada pelo Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico, produzem a R\$ 1.000 por MWh. Os grandes consumidores de energia estimam que, no primeiro semestre de 2010, o uso das termoeletricas elevou em R\$ 600 milhões o gasto dos brasileiros com energia. Esse custo adicional é rateado entre os consumidores das áreas atendidas pelo Sistema Interligado Nacional, que abrange quase todo o País. É impossível, no momento, estimar qual será o custo adicional total em que incorrerão os consumidores neste ano. Em 2008, outro ano em que as usinas térmicas foram utilizadas com intensidade, o custo adicional total chegou a R\$ 2,5 bilhões. Além de o período de seca em 2010 ser mais longo e mais severo do que o de 2009, neste ano, ao contrário do anterior, quando o PIB encolheu, a atividade econômica é intensa e o PIB pode crescer mais de 7%, o que tem impacto direto sobre o consumo de energia elétrica. Em julho, o ONS concluiu seu Planejamento de Operação Energética, um documento elaborado anualmente para balizar sua atuação, no qual não identificou nenhum risco para o abastecimento. “Mesmo na hipótese de condições hidrológicas adversas, o atendimento ao mercado estará assegurado” pela geração térmica adicional necessária para garantir níveis mínimos de segurança nos reservatórios, segundo o ONS. Os consumidores não estão tão certos disso

Cana-de-açúcar – Sítio Eletrônico da CNA – 28/09/2010

O presidente Lula disse ontem, em Barra Bonita (a 267 km de São Paulo), que a mecanização da cultura da cana-de-açúcar é "irreversível" e que os cortadores devem ser capacitados para atuarem em outras áreas.

"Outro dia, numa feira agrícola, vi uma máquina que era capaz de realizar o trabalho de cem cortadores. Sei que isso deixa vocês apreensivos, mas o trabalho de corte é desumano", disse para uma plateia formada, em sua maioria, por cortadores de cana.

"Temos que assumir a responsabilidade de ensinar vocês a aprenderem uma profissão para ganhar mais do que ganham no corte de cana", afirmou Lula, que também defendeu que essa capacitação seja feita pelo governo e pelos empresários do setor.

As declarações foram feitas durante o evento de inauguração de uma unidade termoeétrica de biomassa do Grupo Cosan, que utiliza o bagaço da cana-de-açúcar para gerar energia. Também foram inauguradas outras sete usinas termoeétricas de biomassa.

As usinas receberam R\$ 853,61 milhões em recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). No evento, empresários do setor sucroenergético pediram que Lula use sua influência para pressionar os EUA a abandonarem sua política tarifária contra o álcool brasileiro.

Em seu discurso, Lula reiterou as vantagens do álcool brasileiro sobre o americano, feito a partir do milho. "O problema de usar milho como combustível é que ele encarece o preço da ração animal, e o álcool americano custa três vezes o preço do nosso", disse.

Fonte: Folha de S. Paulo

Empresas vão investir R\$ 27 bi em usinas – Sítio Eletrônico da CNA – 29/09/2010

Autoprodutores precisam que energia seja fornecida a um "custo compatível", diz presidente da Abiape

Grandes consumidores e autoprodutores de energia, como Vale, CSN, Gerdau, Votorantim, Alcoa e Camargo Corrêa, vão investir, juntos, R\$ 27,3 bilhões na construção de usinas até 2020.

O aporte é necessário para fazer frente ao avanço estimado de 66% no consumo das indústrias eletrointensivas -em que a energia representa de 30% a 35% do custo final dos itens fabricados ou extraídos por mineradoras e siderúrgicas, por exemplo.

Essas companhias têm de construir usinas com capacidade total de geração de 6.033 MW -potência pouco inferior à das duas hidrelétricas do rio Madeira (Santo Antonio e Jirau)- para suportar seus planos de expansão. Os dados estão em pesquisa inédita da Abiape (Associação Brasileira dos Investidores em Autoprodução de Energia) obtida pela Folha.

COMPETITIVAS

Para se manterem competitivas e com custos sob controle, as empresas têm de produzir, ao menos, 65% da energia que consomem, aponta o estudo. Hoje, a autoprodução corresponde a 50% da demanda por energia dessas companhias.

Segundo Mario Menel, presidente da Abiape, só com o volume de investimentos previsto no estudo elas vão alcançar a meta e conseguir se manter competitivas no cenário global.

O executivo diz que as empresas não sofrem restrição de capital para investir. Isso porque deixaram de alocar recursos na área de energia desde 2003 em razão da carência de projetos de novas usinas e da imposição de regras que dificultaram a participação de autoprodutores nos leilões do governo.

Menel avalia, porém, que a situação "virou" a partir do leilão de Belo Monte, neste ano, quando foi estabelecida a meta de 10% de participação de autoprodutores nos consórcios que disputaram a concessão da usina. "Achamos que essa premissa vai ser mantida, e os autoprodutores vão ter uma fatia assegurada nos grandes projetos de geração de energia que serão licitados no rio Tapajós [cinco usinas, com potência de 10.600 MW]." Segundo Menel, os autoprodutores se beneficiam do atual ciclo favorável de preço das commodities (como aço e minério), mas precisam ter a garantia de fornecimento de energia a um "custo compatível" para planejar investimentos no aumento de produção no longo prazo.

Autor: Pedro Soares. Fonte: Folha de S. Paulo

Biodiesel

AGROPAUTA - Câmara Setorial reúne cadeia produtiva de oleaginosas e biodiesel – Sítio Eletrônico do MAPA – 01/09/2010

Brasília (1º.9.2010) - O uso da glicerina, subproduto da indústria do biodiesel, como ingrediente para alimentação animal e os resultados do levantamento de safra da canola, matéria-prima potencial para a produção de biocombustíveis, serão discutidos nesta quinta-feira, 2 de setembro, na *10ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Oleaginosas e Biodiesel*. O encontro será das 9 às 12 horas, no auditório térreo do Ministério da Agricultura, em Brasília.

Pesquisas com pinhão manso e o cenário para a soja na safra 2010/2011 também serão apresentadas na reunião.

Serviço

10ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Oleaginosas e Biodiesel

Data: 2.9.2010 (quinta-feira)

Hora: das 9 às 12 horas

Local: auditório térreo do Ministério da Agricultura - Brasília (DF)

AGROPAUTA - Representantes da cadeia produtiva do biodiesel se reúnem em Brasília – Sítio Eletrônico do MAPA – 02/09/2010

Brasília (2.9.2010) - Perspectivas para a produção de biocombustíveis produzidos a partir da canola (planta oleaginosa) e o uso da glicerina como ingrediente para alimentação animal serão abordados na *10ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Oleaginosas e Biodiesel*, nesta quinta-feira, 2 de setembro. O encontro será das 9 às 12 horas, no auditório térreo do Ministério da Agricultura, em Brasília.

Serviço

10ª Reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Oleaginosas e Biodiesel

Data: 2.9.2010 (quinta-feira)

Hora: das 9 às 12 horas

Local: auditório térreo do Ministério da Agricultura - Brasília (DF)

Estudo afirma que programa de biodiesel precisa de muitos ajustes para incluir agricultura familiar – Biodiesel BR – 08/09/2010

O Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (IPC-IG) lançou esse mês um estudo que analisa as políticas de desenvolvimento rural e sustentável do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB). A pesquisa diz que a inclusão social na cadeia do biodiesel é tanto viável como produtiva para os agricultores familiares, mas pondera que, no processo de aprendizagem atualmente em curso, há muitos desafios e que ainda não está definido um modelo de negócio sustentável ou um caminho mais fácil para promover a inclusão dos pequenos agricultores.

O objetivo dessa avaliação do IPC-IG – que trabalha em parceria com o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, o Escritório de Políticas para o Desenvolvimento e o governo brasileiro – é dar subsídios para que os países emergentes e em desenvolvimento possam criar suas políticas públicas na área a partir da experiência do Brasil, pioneiro na utilização de uma abordagem socialmente inclusiva para a produção de matérias-primas para o biodiesel – em oposição ao Proálcool criado no final da década de 70.

Clovis Zapata, do IPC-IG, e Sara Brune e Jackline Achieng Adero, da Universidade de Wageningen, da Holanda – autores do estudo – alertam que aqueles governos que embarcarem num programa como esse terão que considerar o papel de apoio à produção. O nível de envolvimento necessário junto à cadeia produtiva – tanto dos agentes de mercado quanto do governo – pode ser bastante significativo nas fases iniciais do programa, especialmente nas áreas desprovidas, onde os agricultores estão dispersos e não há a cultura de estabelecer compromissos de longo prazo com o mercado.

O documento conclui que o programa de biodiesel foi implementado sem uma análise suficiente dos desafios envolvidos na inclusão social. Os pequenos agricultores têm falta de tradição na produção de culturas comerciais, e não têm a infra-estrutura de produção necessária para corresponder ao modo e à taxa de produção demandada pelo PNPB. Inicialmente, diz o estudo, as políticas pareceram ignorar as características da agricultura de pequena escala, incluindo a falta de experiência dos agricultores familiares na tomada de crédito (que levou à inadimplência nos primeiros anos do programa) e as dificuldades enfrentadas para atingir os níveis razoáveis de produtividade. “O que parece ter sido subestimado foi a quantidade de tempo e empenho necessários para fornecer uma parceria estável e previsível para ajudar os pequenos agricultores a fazerem uma transição de uma produção principalmente de subsistência para uma produção atrelada os processos de mercado”.

O documento cita que em um curto período de tempo, a participação dos agricultores familiares no PNPB teve um incremento anual médio significativo de 20%. Porém, os incentivos tributários do selo Combustível Social não foram suficientes para incorporar o número inicialmente previsto de agricultores, principalmente os mais carentes do Nordeste. Entre os problemas, os autores destacam aqueles já conhecidos do setor: a falta de assistência técnica, distribuição de sementes de baixa qualidade, baixa produtividade, além das dificuldades climáticas e de logística. “Até agora, apesar da

enorme vontade política, o programa não tem integrado os agricultores familiares de pequena escala na medida do esperado”, diz o documento.

Petrobras

A pesquisa ressalta a atuação da Petrobras Biocombustível (PBio), cujo trabalho têm permitido que a participação dos agricultores familiares no mercado ocorra em bases mais firmes do que no passado. A subsidiária da Petrobras contratou técnicos, distribuiu sementes, assinou contratos de médio prazo com os agricultores, estipulou preço mínimo de mercado, incentivou a criação de associações e o uso de várias fontes de matéria-prima, incluindo a soja, girassol e mamona, para incluir mais agricultores no programa.

A estatal quer se tornar o maior player no mercado internacional de biocombustíveis. “A empresa vê a seu apoio à participação de agricultores familiares na produção para o mercado interno como uma oportunidade de melhorar sua própria participação em grandes mercados internacionais. Em outras palavras, o investimento na agricultura familiar visa reduzir o risco de depender exclusivamente de produtores de soja em grande escala”, diz o documento, acrescentando que isso também é uma estratégia para construir uma imagem de “empresa socialmente responsável”. Isso, junto com a preocupação ambiental, encabeça a lista de requisitos para quem quer conquistar mercados internacionais.

Por enquanto, a PBio ainda não utiliza a matéria-prima adquirida da agricultura familiar para a produção de biodiesel, pois não há escala suficiente. “Só o tempo dirá se Petrobras pode efetivamente incorporar agricultores familiares de pequena escala na cadeia de abastecimento de biodiesel”. Ou seja, ainda não está claro se será possível estabelecer um equilíbrio entre o estímulo à competitividade industrial e o apoio à inclusão social, principalmente em regiões carentes.

Refinamento

Segundo os autores, o sistema de certificação do selo social garante demanda para os agricultores familiares, “mas precisa de mais refinamento”. Para eles é necessário um mecanismo mais abrangente que o selo. “Isso deveria ser colocado em prática no início e não a meio caminho, como o caso dos pólos de produção de biodiesel, e deve considerar as necessidades e limitações dos pequenos produtores”.

Diversificar as fontes de matéria-prima, segundo os autores, é fundamental para a inclusão dos agricultores familiares. No entanto, eles alertam que sem os avanços tecnológicos, a diversificação levará tempo para acontecer. O objetivo é expandir a cota de produção de oleaginosas alternativas de biodiesel para 8%, em oposição a atual participação, inferior a 1%. Diante desse desafio, o estudo afirma que é necessário reforçar o papel das associações e cooperativas na organização e no apoio aos agricultores, com foco na integração da produção, por meio de produtos de maior valor agregado (produção de grãos, óleo e farelo).

Nessa curva de aprendizado do programa, ajustes foram feitos e continuam sendo necessários. “Após os primeiros anos, porém, a visibilidade do programa de biodiesel do Brasil parece ter sido diluída, e as metas e as modalidades institucionais estão sendo revisadas à luz da experiência adquirida. Mas também é importante ressaltar que, apesar do declínio da importância política do programa, o governo antecipou as metas com

relação à mistura obrigatória”.

Alice Duarte – BiodieselBR.com

Programa nacional de biodiesel não modificou indicadores ambientais – Biodiesel BR – 11/09/2010

Embora tenha melhorado os indicadores sócio-econômicos dos agricultores que produzem soja e mamona para a obtenção de biodiesel, o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) não mostrou a mesma eficácia com relação aos indicadores ambientais. Estas e outras observações foram feitas pela professora de Direito da USP Ribeirão Preto, Flavia Trentini, em sua pesquisa para o pós-doutorado. Flavia faz questão de frisar que os resultados são relativos à amostragem de 60 produtores entrevistados em Quixadá, no Ceará, e em Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul, em julho do ano passado. As regiões vendem, respectivamente, mamona e soja para empresas fabricantes de biodiesel.

"O PNPB foi lançado pelo governo federal em 2005 para implementar de maneira sustentável a produção e o uso do biodiesel. Foi criado também um selo, o Combustível Social, para empresas que adquirem matéria-prima de agricultores familiares, promovendo inclusão social e incentivando ao comércio justo. Só que não conseguimos ver, ainda, mudanças em indicadores ambientais como cuidados com os recursos hídricos, preservação de Áreas de Proteção Permanente e Reservas Legais ou alocação consciente de resíduos sólidos", resume Flavia, afirmando que esses indicadores permaneceram inalterados. A pesquisadora lança, na segunda-feira, em Ribeirão Preto, dois livros sobre o assunto, em co-autoria com outros pesquisadores.

"Sustentabilidade: o desafio dos biocombustíveis" foi escrito em parceria com sua orientadora de pós-doutorado, Maria Sylvia Saes, professora associada da Faculdade de Economia e Administração da USP (FEA/USP). Já "Ensaio sobre Biocombustíveis" reúne diversos artigos escritos por especialistas no assunto, sob organização de Flávia, Sylvia e do pesquisador Fernando Campos Scaff. Os resultados que apontam para a inexistência de alteração nos indicadores ambientais depois da comercialização da mamona e da soja usadas para fazer o biodiesel estão no artigo que Flávia assina no segundo título. As publicações, que serão distribuídas gratuitamente, saem pela editora Annablume e tiveram patrocínio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Êxitos

sociais

O trabalho de Flavia mostra que as condições de vida melhoraram para 84% dos agricultores do Rio Grande do Sul e 39% para os do Ceará.

"Grosso modo, de acordo com minha amostragem, posso dizer que no Ceará a venda da mamona está possibilitando a geração de renda extra - renda que os agricultores não tinham, pois trabalhavam muito com agricultura de subsistência. Essa renda extra é direcionada, basicamente, para a compra de alimentos, para a subsistência mesmo. Já no Rio Grande do Sul, a venda da soja para obtenção de biodiesel está gerando um 'plus'

para os agricultores, que é quase totalmente direcionado para a aquisição de maquinário e de insumos", resume Flavia.

A pesquisadora diz que não esperava encontrar nem mesmo resultados positivos para os indicadores sócio-econômicos na pesquisa de campo. "O programa foi lançado em 2005, mas vem sendo implementado nas regiões que estudei desde 2008. É pouquíssimo tempo para aferir resultados, em se tratando de uma política pública", explica.

Embora os tamanhos das propriedades variem entre os dois estados, a princípio, não influenciam o cuidado dos produtores com o meio ambiente, de acordo com a pesquisadora. No Ceará, onde 64% dos agricultores responderam que possuem áreas não cultivadas, as propriedades pesquisadas têm, em média, 23,69 hectares, enquanto no Rio Grande do Sul, onde 80% dos entrevistados disse preservar áreas de floresta, a média de tamanho das propriedades é de 61,10 hectares.

Outra curiosidade da pesquisa é relativa à conservação dos recursos hídricos. No Nordeste, 91% dos entrevistados disse não jogar qualquer tipo de resíduo nos corpos hídricos, enquanto no Sul esse percentual cai para 75%. "Em uma análise muito superficial, podemos dizer que talvez a escassez do recurso esteja por trás dessa diferença no cuidado com a água observada em favor do Nordeste", diz Flavia, com cautela.

MDA realiza encontro nacional da Rede Temática de Ater Biodiesel – Sítio Eletrônico do MDA - 14/09/2010 11:00

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), por meio da Secretaria da Agricultura Familiar (SAF), realiza, nesta terça(14) e quarta-feira (15), o Encontro Nacional da Rede Temática de Ater Biodiesel, no Edifício Palácio do Desenvolvimento, 22º andar, em Brasília (DF).

Serão avaliadas as atividades desenvolvidas nos estados e ajustada a execução das atividades planejadas nos níveis nacional, regional, estadual e municipal, a serem coordenadas pelo Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (DATER) da SAF/MDA.

Participam do encontro representantes das empresas de assistência técnica e extensão rural estaduais, e os consultores regionais do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). O evento conta com a participação de técnicos do Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (Dater) e do Departamento de Geração de Renda e Agregação de Valor (Degrav) da SAF/MDA.

As Redes temáticas de Ater foram criadas em 2007 pela SAF/MDA, com o objetivo de organizar sistematicamente conhecimentos e articular por meio de fóruns a construção e a articulação de políticas públicas. Atualmente, são 15 redes temáticas, entre elas: agroecologia, agroindústria, ater para mulheres rurais, ater indígena, ater e pesquisa, biodiesel comercialização, diversificação na agricultura familiar fumicultora, financiamento e proteção da produção, formação de agentes de ater, leite, metodologias participativas de ater, orgânicos, plantas medicinais e fitoterápicos e turismo rural.

Programação:

14 de setembro – tarde
14h – Abertura e apresentação dos participantes
14h40min – Apresentação/socialização das atividades da rede nos estados.

16h30min - Coffebreak

16h50min – Continuação das apresentações/socialização das atividades da rede nos estados

17h40min – Debate

15 de setembro
9h - Apresentação do Projeto Pólos de Biodiesel – Plural Cooperativa de Consultoria, Pesquisa & Serviços (Humberto Mello Pereira) e Stephan Görtz (MDA/SAF)
10h – Debate
10h20min – Apresentação do Programa do Biodiesel – MDA/SAF

10h50min – Intervalo

11h – Debate
11h20min – Perspectivas da Rede Temática de Ater Biodiesel – Hur Bem Corrêa da Silva - coordenador de Relações Institucionais e Gestão do Sibrater/DATER
12h Debate

12h20min - Intervalo para o almoço

14h - Apresentação/discussão do planejamento da Rede Temática de Biodiesel e priorização das metas.

16h30min - Coffebreak

16h50min – Encaminhamentos
17h - Encerramento

Mamona ainda não é viável para o biodiesel – Biodiesel BR – 24/09/2010

A produção de mamona no Ceará ainda não atingiu o volume necessário para que a oleaginosa se torne viável economicamente à fabricação de biodiesel no Estado. Como consequência disso, a maior parte da matéria-prima utilizada para a produzir o combustível na usina de Quixadá é importada de outros estados, segundo informou ontem o diretor de Suprimento Agrícola da Petrobras Biocombustível (PBio), Jânio Rosa.

Por enquanto, a unidade utiliza-se de soja - que não é produzida em terras cearenses - e algodão - esta com pequenas plantações por aqui. "Para produzir biodiesel, a gente tem que analisar o aspecto de disponibilidade de matéria-prima em volume adequado e

respeitando as questões de economicidade, ou seja, nós temos que trabalhar para produzir biodiesel buscando a matéria-prima que tenha o custo mais baixo possível para que o combustível se torne sempre uma atividade viável", justifica Jânio. Segundo ele, a mamona, pelo menos por enquanto, sai reprovada na equação que une volume, produtividade e preço.

Sem

volume

"A mamona hoje na região não tem um volume tão grande. Consequentemente, a produtividade também é muito baixa e, por consequência, não tem um preço compatível pra concorrer com a soja, por exemplo", esclarece. O diretor informa que, no mercado de São Paulo, uma tonelada de óleo de soja hoje custa em torno de R\$ 2 mil. Já a mesma quantidade de óleo de mamona sai pelo preço de aproximadamente R\$ 4,2 mil.

"Não tem como pegar um produto nesse preço, porque senão teria que baixar o preço para o agricultor de tal maneira que, com a produção pequena que ele tem, não seria atrativa a renda. Mas se ele produzir bem mais, ele vai ganhar bem mais se o preço cair pela metade, é a lei da oferta e da procura", esclarece Jânio. A estatal desenvolveu uma tecnologia para que de todo o biodiesel produzido nas usinas, 30% possam ser produzidos por meio da mamona.

Contudo, para que isso se torne possível, é preciso avançar na produtividade das plantações. Rosa informa que atualmente são produzidos entre 200 e 300 quilos de mamona por hectare no Ceará, enquanto que em regiões produtivas da Bahia, por exemplo, chega-se a 1000 quilos. "E o preço ainda é alto por lá", compara.

Contudo, mesmo que a mamona não esteja sendo utilizada na usina de Quixadá, o diretor lembra que agricultor parceiro da PBio continua com o contrato, recebendo assistência técnica e semente certificada para a produção, além da garantia de compra. "O que precisa ser feito é o que está sendo feito da nossa parte. Agora, os programas de desenvolvimento, o apoio do Governo do Estado, a melhoria das técnicas de manejo, de plantio, a tecnologia, isso é uma coisa contínua. A resposta de produtividade não acontece do dia pra noite, leva um tempo", afirma.

Apesar do incentivo, cultura não pegou
O drama de agricultores envolvidos com a cultura da mamona para produção de biodiesel no Ceará foi retratada em reportagem do Diário do Nordeste de 17 de fevereiro de 2008.

A edição mostrava que apesar dos incentivos dados pelo governo, muitos agricultores cearenses não estavam dispostos a investir na oleaginosa.

Os produtores já se revelavam desinteressados por um cultivo que consideravam de baixa rentabilidade e de difícil interação com atividades econômicas tradicionais, como a pecuária e o plantio de milho.

A frustração com as experiências das décadas anteriores, o risco de contaminação do gado pelas toxinas da mamona e a incerteza quanto à garantia de compra do insumo eram apontados como os maiores empecilhos à ampliação da lavoura da oleaginosa no Estado.

Para combater a resistência cultural dos produtores, o governo garantiu a compra de toda a mamona que fosse produzida pelos agricultores cadastrados junto a uma das duas usinas instaladas no Ceará.

A reportagem já mostrava também a opinião de um estudioso da área: "a produção de mamona para abastecer o mercado de biocombustíveis não trará impacto na renda agrícola do Estado". A avaliação foi feita pelo economista Demartone Coelho Botelho, da Universidade Federal do Ceará.

SÉRGIO DE SOUSA

Falta de transparência do governo para o biodiesel preocupa – Biodiesel BR – 24/09/2010

A Petrobras vem, aos poucos, firmando sua posição no mercado de biodiesel no Brasil. A empresa, que é monopolista na produção de diesel -o que lhe dá a condição de única compradora nos leilões de biodiesel e única vendedora de diesel às distribuidoras-, agora também atua na produção, segmento no qual tem intenções de se estabelecer como líder do mercado.

Para atingir esse objetivo, recentemente a Petrobras anunciou a compra, por R\$ 15 milhões, de metade de uma empresa responsável pela extração de óleos vegetais na Bahia e também revelou que a Usina de Candeias, a maior de biodiesel das três que a Petrobras possui atualmente, vai produzir 217,2 milhões de litros por ano.

A título de comparação, é mais do que um terço de todo o volume negociado no último leilão de biodiesel, realizado no final de agosto.

Essa entrada da estatal, atuando em todos os segmentos, representa um risco para os atuais produtores.

Basta lembrar o que acontece na indústria de refino no Brasil, onde a Petrobras pratica preços para os derivados de petróleo, em particular gasolina e diesel, que não guarda nenhuma relação com a tendência desses preços no mercado internacional.

Essa política tem impedido o surgimento, no país, de refinarias privadas, apesar de não existir nenhum tipo de restrição legal à construção de refinarias por investidores privados.

Os produtores de biodiesel, principalmente os que não são verticalizados, já reclamam que o grande deságio do último leilão, de 25%, ocorreu, em certa medida, artificialmente e compromete a rentabilidade do setor.

Hoje, a indústria do biodiesel é composta por produtores verticalizados e por aqueles que só produzem biodiesel.

Argumenta-se que só quem tem uma operação verticalizada no mercado vai conseguir chegar a preços mais baixos, dado que, com as vantagens da verticalização, conseguem ter uma maior flexibilidade na produção de biodiesel.

RISCOS

Hoje, é através da soja que se produz cerca de 80% do biodiesel, e os "sojeiros", como são conhecidos os produtores verticalizados, levam vantagem arbitrando entre o óleo e o farelo.

Um desafio do setor é diversificar as matérias-primas. Um aumento da participação da Petrobras, como uma empresa verticalizada, sem dúvida aumentará o risco de investimento no setor.

O resultado para o mercado pode ser perigoso. De um lado, a lógica social da produção de biodiesel, de auxiliar os pequenos produtores a desenvolver a lavoura de insumos como mamona, girassol, dendê etc., que possuem maior densidade energética em relação à soja, acaba não se viabilizando. De outro, cria-se uma concorrência desleal com os produtores privados.

O biodiesel é um combustível do futuro. O que preocupa é a falta de transparência do governo na condução do atual programa, a falta de medidas pró-mercado e uma melhor definição sobre o papel da Petrobras.

ADRIANO PIRES é diretor do CBIE (Centro Brasileiro de Infraestrutura).
Folha de S. Paulo

Encontro define indicadores sustentáveis para biocombustíveis – Sítio eletrônico do Biodiesel BR – 29/09/2010

A sustentabilidade na produção de biocombustíveis será avaliada, entre as próximas quarta, 29 de setembro, e sexta-feiras, 1º de outubro, em Roma (Itália). O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) integra a 10ª reunião da Força-Tarefa sobre Sustentabilidade de Produção e Uso da Bioenergia (FTS) da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), representado pelo diretor de Cana-de-Açúcar e Agroenergia, Cid Caldas.

O encontro dá sequência ao trabalho da FTS, que, desde 2008, atua no desenvolvimento de critérios e indicadores voluntários, relevantes, práticos e, sobretudo, com base e argumentação científicas para a sustentabilidade da bioenergia, de modo global, e, em particular, dos biocombustíveis. Essa força-tarefa é parte da estrutura da Parceria Global para Bioenergia (GBEP, sigla em inglês). Caldas explica que, uma vez consolidados, esses indicadores poderão orientar políticas públicas para biocombustíveis, colaborando, inclusive, no norteamento de obrigações multilaterais de comércio. “No encontro, representantes de vários países e organismos internacionais avaliam a

viabilidade de passar de um combustível fóssil para outro a partir das condições sustentáveis”,
complementa.

A sustentabilidade econômica, social e ambiental, a segurança energética e a emissão de gases de efeito estufa são alguns dos critérios avaliados para cada cultura agrícola destinada à produção de etanol ou biodiesel, por exemplo. Representante do G8, grupo formado por Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos, juntamente com alguns países em desenvolvimento, como Brasil.

Produção de biodiesel no Brasil deve crescer 50% em 2010 – Biodiesel BR – 30/09/2010

A produção brasileira de biodiesel deve crescer 50% em 2010 em relação a 2009, alcançando 2,4 bilhões de litros. A informação e os avanços do mercado de biodiesel no Brasil serão apresentados, nesta quinta-feira, 30 de setembro, pelo secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Manoel Bertone, no I Seminário Internacional Universidade-Sociedade-Estado, realizado em Buenos Aires (Argentina). Durante o encontro, representantes de governo e acadêmicos da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai vão discutir as políticas públicas adotadas para impulsionar o uso de energias renováveis.

De acordo com o secretário, o programa brasileiro de biodiesel, com apenas cinco anos, já mostra resultados expressivos. A produção do biocombustível saiu de 732 mil litros, em 2005, para 1,6 bilhão de litros, em 2009. “O governo criou condições e o mercado respondeu bem. Por isso, conseguimos antecipar em três anos o percentual da mistura obrigatória de 5% (B5) de biodiesel ao diesel”, explica.

A mistura obrigatória de biodiesel ao diesel foi instituída por lei em 2005 e prevê uma ampliação gradativa de percentual. O B5 deveria vigorar a partir janeiro de 2013, mas a regra foi antecipada para 2010. Conforme Bertone, a resposta do setor produtivo, tanto no contexto industrial como agrícola, possibilitou a medida. “A disponibilidade de óleo e a capacidade de processamento permitiu o atendimento de 5% da demanda de diesel no País, que deverá atingir 45 bilhões de litros em 2010”, informa o secretário.

Outro ponto que será abordado é a diversificação de matérias-primas para produção do biocombustível, apontada por Bertone como essencial para a promoção do desenvolvimento regional, um dos focos centrais do programa brasileiro. O biodiesel é feito, principalmente, a partir de soja, sebo bovino e caroço de algodão, produtos mais competitivos. A palma de óleo (dendê), oleaginosa mais produtiva do mundo, é apontada como outra alternativa. Cada hectare de palma rende até cinco toneladas de óleo, enquanto a soja alcança em torno de 500 quilos de óleo por hectare.

O secretário lembra que, para incentivar a produção de palma de óleo, o governo federal lançou, em maio, o Programa de Produção Sustentável da Palma de Óleo no Brasil, que indica áreas aptas para o cultivo, oferece linhas facilitadas de crédito e define investimentos em pesquisa e desenvolvimento da cultura. Até 2011, o governo vai aplicar R\$ 60 milhões em melhoramento genético, ampliação da capacidade de

produção de sementes e estabelecer parcerias internacionais com centros de excelência em palma de óleo.

O [I Seminário Internacional Universidade-Sociedade-Estado](#), realizado até esta sexta-feira, 1º de outubro, é promovido pelo Grupo Montevideú, que reúne 21 universidades públicas e autônomas da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Índia e Brasil ensaiam parceria para o etanol – Valor On line – 01/09/2010

Ministros da agricultura do Brasil e da Índia devem se encontrar na próxima semana, em São Paulo, para uma aproximação que, nas entrelinhas, pode significar abrir caminhos para exportação de **etanol** do Brasil ao país asiático. Recentemente, a Índia renovou a mistura de etanol à gasolina em 5% com consumo estimado de 1,05 bilhão de litros por ano.

Há condições de essa mistura subir para 10%, mas a produção interna indiana é ainda insuficiente. Com a importação do etanol a partir do Brasil, a Índia teria condições de subir de imediato o percentual para 10%, afirmam fontes.

O ministro da Agricultura, Alimentação e Consumo da Índia, Sharad Pawar, deve chegar ao país no dia 8 de setembro para, no dia 9, participar da inauguração do programa de expansão dos ativos da Equipav, cuja participação majoritária foi adquirida em julho pela indiana Shree Renuka - que pagou R\$ 450 milhões pelo negócio, além de assunção de dívida, e vai ainda investir mais R\$ 218 milhões em ampliação e cogeração.

O titular da pasta no Brasil, Wagner Rossi, ainda não confirmou o encontro com Pawar. Segundo a assessoria do ministério, estão sendo feitos esforços para realizar o encontro no dia 10 de setembro, às 8h, na superintendência do ministério, em São Paulo.

Além de importar açúcar, a Índia também tem interesse em outros produtos brasileiros, como leguminosas, oleaginosas e óleos vegetais. A missão do ministro indiano da Agricultura também inclui visitas à Argentina e ao México. (FB)

Índia e Brasil ensaiam parceria para o etanol – Valor Econômico – Agronegócios – 01/09/2010

Ministros da agricultura do Brasil e da Índia devem se encontrar na próxima semana, em São Paulo, para uma aproximação que, nas entrelinhas, pode significar abrir caminhos para exportação de etanol do Brasil ao país asiático. Recentemente, a Índia renovou a mistura de etanol à gasolina em 5% com consumo estimado de 1,05 bilhão de litros por ano.

Há condições de essa mistura subir para 10%, mas a produção interna indiana é ainda insuficiente.

Com a importação do etanol a partir do Brasil, a Índia teria condições de subir de imediato o percentual para 10%, afirmam fontes.

O ministro da Agricultura, Alimentação e Consumo da Índia, Sharad Pawar, deve chegar ao país no dia 8 de setembro para, no dia 9, participar da inauguração do programa de expansão dos ativos da Equipav, cuja participação majoritária foi adquirida em julho pela indiana Shree Renuka — que pagou R\$ 450 milhões pelo negócio, além de assunção de dívida, e vai ainda investir mais R\$ 218 milhões em ampliação e cogeração.

O titular da pasta no Brasil, Wagner Rossi, ainda não confirmou o encontro com Pawar. Segundo a assessoria do ministério, estão sendo feitos esforços para realizar o encontro no dia 10 de setembro, às 8h, na superintendência do ministério, em São Paulo.

Além de importar açúcar, a Índia também tem interesse em outros produtos brasileiros, como leguminosas, oleaginosas e óleos vegetais. A missão do ministro indiano da Agricultura também inclui visitas à Argentina e ao México. (FB)

BB financia usina de álcool na Colômbia – Fernando Nakagawa - Estado de São Paulo – Economia – Capa – 07/09/2010

O Banco do Brasil está intermediando o financiamento de projetos internacionais cada vez maiores e passa a operar em um segmento de atuação tradicional do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). No fim de semana, representantes do governo brasileiro acertaram condições de um empréstimo de US\$ 223 milhões, que será feito via BB, para a instalação de uma usina de etanol na Colômbia.

Segundo empresas envolvidas, é a maior operação privada feita até hoje pelo Programa de Financiamento às Exportações, o Proex. O dinheiro beneficiará um grupo israelense que comprará equipamentos de uma fornecedora brasileira. O contrato será firmado em breve.

A operação, que se assemelha aos créditos concedidos pelo BNDES, será feita por meio da Proex, linha que financia a exportação de mercadorias. Os recursos saem do caixa do Tesouro e o BB é o “agente operacional”. Ou seja, é uma decisão de governo e não comercial do banco federal.

Ao mesmo tempo em que o governo fecha o crédito, a política externa mantém a meta de levar o etanol a mais países da América Latina, já que o Brasil pretende alçar o combustível à categoria de commodity internacional. O chefe do projeto encabeçado pelo Grupo Merhav, Jorge Chavez, explicou ao Estado por telefone, da Colômbia, que as conversas para o empréstimo começaram no auge da crise, no fim de 2008.

O dinheiro irá para a construção da usina, que terá equipamentos e tecnologia da Uni-Systems, empresa paulista. É o segundo financiamento às usinas construídas no exterior pela companhia. A primeira, no Peru, teve crédito menor, de US\$ 25 milhões. O juro cobrado na linha é composto pela taxa Libor, referência no mercado britânico,

sem acréscimo de spread. Hoje, a Libor está abaixo de 1% anual, em dólar. “É mais barato do que se nós tomássemos o crédito na Colômbia ou nos EUA. É um grande estímulo”, diz Chavez, ao comentar que se a empresa fosse a mercado pagaria juro de Libor acrescido de até 6,5%. Em caso de calote, o risco é, em última instância, do Tesouro.

O Proex é uma linha que usa recursos da União e é operada só pelo BB. Segundo a instituição, a linha pode ser da categoria “financiamento”, quando há em- préstimo para o exportador ou importador com recursos do Tesouro. A modalidade está “voltada fundamentalmente para o atendimento a micro, pequenas e médias empresas”. Nesse caso, a operação foi possível porque a Uni-Systems é qualificada nesse segmento, por ter faturamento anual de até R\$ 600 milhões.

“O financiamento do Proex é que torna viável a planta, pois o crédito tem condições muito competitivas”, diz o diretor de administração da Uni-Systems, Luis Carlos de Mello. A empresa também tenta crédito de US\$ 122 milhões para outra usina no Peru e negocia financiamento para uma unidade nos EUA.

Brasil reduzirá exportação de etanol até 2013 - Eduardo Magossi – Agência Estado – 15/09/2010

País reduziu as exportações nesta safra em função da combinação de uma série de fatores, como influência do câmbio, preços do açúcar e condições da safra, afirma Ricardo Correa, diretor da trading suíça Kolmar

SÃO PAULO - As exportações brasileiras de etanol deverão ficar em torno de 1,2 bilhão de litros na safra brasileira de 2010/11 e irão manter este patamar até 2013. Por outro lado, o país já ensaia importações de etanol. As importações são de pequeno volume, basicamente dos Estados Unidos, mas indica que os Estados Unidos estão se preparando para exportar o produto, não apenas para o Brasil como para a União Europeia.

A afirmação é de Ricardo Correa, diretor de etanol, açúcar e energia da trading suíça Kolmar. Segundo ele, o Brasil reduziu as exportações nesta safra em função da combinação de uma série de fatores, como influência do câmbio, preços do açúcar e condições da safra. "O Brasil está limitando suas exportações de etanol para a área industrial", disse. Correa disse que o mercado de etanol combustível está sendo suprido, em parte, por produto dos Estados Unidos. "Os Estados Unidos produzem etanol combustível mas não dominam a produção do produto para uso industrial", disse.

A expectativa é de que, também na próxima safra, o Brasil exporte apenas 1,2 a 1,3 bilhão de litros de etanol. Isto porque, segundo o executivo, a existência de um excedente exportável de etanol brasileiro está vinculado a uma acomodação do crescimento do mercado de carros flex do Brasil e também uma volta do crescimento na produção de açúcar no mundo. "A produção de etanol do Brasil ai ser direcionada para o mercado interno e enquanto os preços do açúcar estiverem bastante competitivos, a produção de açúcar será priorizada", disse Correa.

Correa disse também que o Brasil já importou etanol dos Estados Unidos neste ano.

"Foram pequenos volumes e com finalidade comercial e não de abastecimento", disse ele. O executivo afirma que, em alguns momentos, a paridade de preços entre o etanol brasileiro e norte-americano criaram uma paridade positiva, porque havia uma diferença significativa. Ele estima o volume importado pelo Brasil atinja os 50 milhões de litros em importações realizadas em janeiro, em abril e em julho. Esta importação de julho, feita pelo Nordeste, apresentou problemas de certificação do etanol e não pode ser desembarcada.

Com a alta do milho nos Estados Unidos, a importação de etanol norte-americano não está mais viável para uma importação pelo Brasil. Mas a União Europeia deve ser importadora de etanol dos Estados Unidos no médio prazo. "A União Europeia está indo buscar nos Estados Unidos o volume de etanol que o Brasil deixou de exportar", disse. A estimativa é de que os Estados Unidos exportem perto de 200 milhões de litros para a União Europeia nesta safra. "Os Estados Unidos estão indo pela primeira vez, de forma consistente, ao mercado exportador de etanol", informa.

Com excedente, EUA exportam etanol – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 16/09/2010

Com excedentes em seu mercado interno, os Estados Unidos já exportaram neste ano, apenas entre janeiro e abril, mais de 450 milhões de litros de etanol feito de milho, segundo a Associação de Combustíveis Renováveis (RFA) daquele país — e uma pequena parte desses embarques, surpreendentemente, veio para o Brasil, conforme traders da área.

Há cerca de um mês, o litro do galão (3,78 litros) oscilava entre US\$ 1,60 e US\$ 1,80 no mercado americano, ante os atuais patamares de US\$ 2,20 a US\$ 2,30. Isso tornou o etanol de milho americano até mais competitivo do que o etanol de cana do Brasil na maior parte do primeiro semestre.

O resultado é que os Estados Unidos voltaram a exportar volumes mais expressivos de etanol, como em 2007 e 2008. Em 2008, quando as exportações americanas alcançaram seu recorde, foram embarcados mais de 600 milhões de litros. Pouquíssimo se comparado ao volume brasileiro, mas ainda assim suficiente para seduzir alguns clientes até então cativos.

“Os americanos encontraram o caminho para exportar”, afirma Eduardo Correa, diretor da área de Etanol e Energia da trading sueca Kolmar, que atua também nos mercados de química, petroquímica e petróleo. A estimativa é de que em torno de 50 milhões de litros vieram para o Brasil.

Correa esclarece que, neste momento, as margens para exportação a partir dos EUA já não estão mais atrativas, pois nas últimas cinco semanas a disparada do milho puxou também as cotações do biocombustível. “No entanto, se os preços lá baixarem e os daqui continuarem firmes, outros mercados, como o europeu e o asiático, podem repetir o feito e preferir importar dos Estados Unidos do que do Brasil”, diz. No ano passado, segundo ele, o etanol brasileiro foi responsável por 80% do que a União Europeia importou do produto. Neste ano, esse percentual recuou para 50%.

Neste ano-safra, o 2010/11, o Brasil deve embarcar 1,7 bilhão de litros de etanol, 2 bilhões de litros a menos do que na temporada anterior. Da diferença, 1,2 bilhão se referem a volumes que foram em 2009 para os Estados Unidos, mercado que neste ano se fechou. Os outros 800 milhões eram destinados a outros mercados e que foram abocanhados por “novos” ofertantes, sendo que os Estados Unidos ficaram com cerca de 500 milhões desse volume, segundo Tarcilo Rodrigues, da Bioagência. A fatia restante ficou dividida com outros pequenos produtores de etanol, como México, Paquistão e até Argentina, afirma Rodrigues.

No Brasil, a estimativa é que desde o fim de dezembro do ano passado em torno de sete navios tenham atracado com etanol americano, com um total de 50 milhões de litros, diz Renato Leite Bastos, diretor de exportação e logística da SCA, maior empresa de comercialização de etanol do Brasil.

O volume é, obviamente, irrisório se considerar que a produção somente do Centro-Sul será superior a 26 bilhões de litros.

“As importações não ocorreram por problemas de abastecimento.

Mas porque havia oportunidade econômica”, diz Correa.

Apesar das especificações técnicas do etanol brasileiro serem diferentes das do produto americano, as cargas que chegaram foram produzidas sob medida dentro das normas brasileiras. “Temos notícias de apenas um navio que não descarregou porque as especificações estavam diferentes”, diz Correa.

As compras foram feitas, segundo especialistas do setor, por distribuidoras e também por grandes usinas que viram oportunidades de negócios no baixo preço do etanol americano. E de fato havia, conta Correa. Isso por uma conjunção de fatores, a começar pelo câmbio no Brasil que torna o produto importado mais barato. Ainda, porque os preços domésticos do biocombustível estão mais estáveis e, pelo menos, 20% mais altos do que em 2009.

Corrêa explica que mesmo quando o galão do etanol (anidro) bateu US\$ 2 nos Estados Unidos — na maior parte deste ano esse valor ficou entre US\$ 1,60 e US\$ 1,80 — ainda compensava importar para o Brasil, mesmo com frete e outras despesas portuárias. Isso porque o produto chegava aqui a R\$ 1,05 mil o metro cúbico (1.000 litros), enquanto que, naquele momento, o anidro brasileiro estava na casa dos R\$ 1,1 mil o metro cúbico, detalha Correa.

Com excedente, EUA exportam etanol – Fabiana Batista - Valor Econômico – 16/09/2010

Com excedentes em seu mercado interno, os Estados Unidos já exportaram neste ano, apenas entre janeiro e abril, mais de 450 milhões de litros de **etanol** feito de milho, segundo a Associação de Combustíveis Renováveis (RFA) daquele país - e uma pequena parte desses embarques, surpreendentemente, veio para o Brasil, conforme traders da área.

Há cerca de um mês, o litro do galão (3,78 litros) oscilava entre US\$ 1,60 e US\$ 1,80 no mercado americano, ante os atuais patamares de US\$ 2,20 a US\$ 2,30. Isso tornou o etanol de milho americano até mais competitivo do que o etanol de cana do Brasil na maior parte do primeiro semestre.

O resultado é que os Estados Unidos voltaram a exportar volumes mais expressivos de etanol, como em 2007 e 2008. Em 2008, quando as exportações americanas alcançaram seu recorde, foram embarcados mais de 600 milhões de litros. Pouquíssimo se comparado ao volume brasileiro, mas ainda assim suficiente para seduzir alguns clientes até então cativos.

"Os americanos encontraram o caminho para exportar", afirma Eduardo Correa, diretor da área de Etanol e Energia da trading sueca Kolmar, que atua também nos mercados de química, petroquímica e petróleo. A estimativa é de que em torno de 50 milhões de litros vieram para o Brasil.

Correa esclarece que, neste momento, as margens para exportação a partir dos EUA já não estão mais atrativas, pois nas últimas cinco semanas a disparada do milho puxou também as cotações do biocombustível. "No entanto, se os preços lá baixarem e os daqui continuarem firmes, outros mercados, como o europeu e o asiático, podem repetir o feito e preferir importar dos Estados Unidos do que do Brasil", diz

No ano passado, segundo ele, o etanol brasileiro foi responsável por 80% do que a União Europeia importou do produto. Neste ano, esse percentual recuou para 50%.

Neste ano-safra, o 2010/11, o Brasil deve embarcar 1,7 bilhão de litros de etanol, 2 bilhões de litros a menos do que na temporada anterior. Da diferença, 1,2 bilhão se referem a volumes que foram em 2009 para os Estados Unidos, mercado que neste ano se fechou. Os outros 800 milhões eram destinados a outros mercados e que foram abocanhados por "novos" ofertantes, sendo que os Estados Unidos ficaram com cerca de 500 milhões desse volume, segundo Tarcilo Rodrigues, da Bioagência. A fatia restante ficou dividida com outros pequenos produtores de etanol, como México, Paquistão e até Argentina, afirma Rodrigues.

No Brasil, a estimativa é que desde o fim de dezembro do ano passado em torno de sete navios tenham atracado com etanol americano, com um total de 50 milhões de litros, diz Renato Leite Bastos, diretor de exportação e logística da SCA, maior empresa de comercialização de etanol do Brasil.

O volume é, obviamente, irrisório se considerar que a produção somente do Centro-Sul será superior a 26 bilhões de litros. "As importações não ocorreram por problemas de abastecimento. Mas porque havia oportunidade econômica", diz Correa.

Apesar das especificações técnicas do etanol brasileiro serem diferentes das do produto americano, as cargas que chegaram foram produzidas sob medida dentro das normas brasileiras. "Temos notícias de apenas um navio que não descarregou porque as especificações estavam diferentes", diz Correa.

As compras foram feitas, segundo especialistas do setor, por distribuidoras e também por grandes usinas que viram oportunidades de negócios no baixo preço do etanol

americano. E de fato havia, conta Correa. Isso por uma conjunção de fatores, a começar pelo câmbio no Brasil que torna o produto importado mais barato. Ainda, porque os preços domésticos do biocombustível estão mais estáveis e, pelo menos, 20% mais altos do que em 2009.

Corrêa explica que mesmo quando o galão do etanol (anidro) bateu US\$ 2 nos Estados Unidos - na maior parte deste ano esse valor ficou entre US\$ 1,60 e US\$ 1,80 - ainda compensava importar para o Brasil, mesmo com frete e outras despesas portuárias. Isso porque o produto chegava aqui a R\$ 1,05 mil o metro cúbico (1.000 litros), enquanto que, naquele momento, o anidro brasileiro estava na casa dos R\$ 1,1 mil o metro cúbico, detalha Correa.

Etanol entra em fase decisiva nos EUA – Renée Pereira – Estado de São Paulo – economia – 26/09/2010

O futuro do etanol brasileiro no mercado americano entrou numa fase decisiva. Pelas contas da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), que representa os produtores nacionais, o Congresso americano tem cerca de sete semanas para definir se renova ou não a tarifa de importação do combustível e o subsídio dado ao etanol produzido com milho. Ambos terminam em 31 dezembro e podem determinar a expansão dos negócios no mercado brasileiro. Em caso positivo, a decisão representaria a exportação de 5 a 15 bilhões de litros de etanol para os Estados Unidos até 2020.

Com a proximidade das eleições legislativas nos Estados Unidos, marcadas para 2 de novembro, o Congresso deverá entrar em recesso no começo do mês que vem. Se até lá o assunto não for posto na pauta, restarão apenas algumas semanas entre novembro e dezembro para os senadores chegarem a uma conclusão – o que não ocorreu em meses de discussão.

Ao contrário do que ocorria no passado, desta vez há movimentos fortes tanto para a renovação como para a eliminação das tarifas de importação (de US\$ 0,54 por galão) e subsídios (de US\$ 0,45 a cada galão de etanol de milho adicionado à gasolina). Um dos projetos em circulação prevê a extensão da subvenção por cinco anos. Outras cinco propostas defendem a eliminação dos instrumentos. Nos últimos meses, esse último grupo ganhou um aliado de peso: o presidente Barack Obama, que defende o uso do combustível limpo.

Enquanto o Congresso não chega a uma conclusão, a Única reforça seu lobby no Congresso e na sociedade americana. Depois de promoções em postos de combustíveis e campanhas publicitárias em TV, a estratégia agora é mostrar ao cidadão americano quanto custa aos cofres do país a decisão de manter a política adotada para o etanol. Só os subsídios consomem dos Estados Unidos US\$ 5,5 bilhões por ano. “Hoje o humor do americano é contra qualquer gasto do governo”, afirma Joel Velasco, representante da Única nos Estados Unidos e que faz lobby a favor do etanol brasileiro entre os senadores. Ele comenta que o assunto tem ganhado as páginas e editoriais dos principais jornais do país.

Em cima desses editoriais, a Unica faz propaganda nos veículos que os senadores leem. Outra estratégia foi montar uma plataforma onde as pessoas aderem a uma baixo-assinado em andam para os senadores. “Cerca de 15 mil pessoas já fizeram isso nos últimos nove dias”, afirma Velasco, que visita o Congresso americano, pelo menos, duas vezes por semana. Além de encontros e contatos por telefone, ele tem reforçado o uso do Facebook e Twitter. Antes da tarefa de tentar extinguir os subsídios

e tarifas, Velasco e os representantes da Única tiveram uma vitória importante nos EUA. Eles conseguiram enquadrar o etanol como biocombustível avançado na redução de emissões de gases.

No Brasil, expansão da oferta de cana diminuiu depois da crise. Enquanto os americanos estudam se flexibilizam ou não a entrada do etanol de cana-de-açúcar no país, os produtores brasileiros tentam ajeitar a casa para não perder futuras oportunidades. Depois da ressaca da crise mundial, que quebrou dezenas de usinas entre 2008 e 2009, os empresários começam a recuperar parte dos prejuízos graças a alta do preço do açúcar no mercado internacional por causa da quebra de safra da Índia.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura**

cpda **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade UFRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actionaid



nead

Ministério do Desenvolvimento Agrário



